

UMA LEITURA BAKHTINIANA DE MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA: A CRÔNICA COMO ESPAÇO DE DIALOGISMO E POLIFONIA

Júlia Rafaela Lauretto da Silva (UEMS)
julialauretto@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a crônica *Elis Regina: Brilho, talento e inteligência singular*, de Maria da Glória Sá Rosa, à luz da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, com enfoque nos conceitos de dialogismo e polifonia. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e analítica, fundamentada principalmente nos estudos de Mikhail Bakhtin e José Luiz Fiorin. Como corpus, utiliza-se a crônica publicada na obra *Crônicas de Fim de Século* (2001), buscando compreender de que forma as diferentes vozes presentes no texto contribuem para a construção de sentidos. A análise evidencia que a narrativa articula memória individual e coletiva, contexto histórico, referências culturais e posicionamentos valorativos da autora, estabelecendo um diálogo entre a experiência vivida, o período da Ditadura Militar e a música popular brasileira. Observa-se, ainda, a presença de múltiplas vozes discursivas que caracterizam a polifonia do texto, reforçando a crônica como um gênero discursivo secundário capaz de incorporar diferentes discursos e perspectivas. Conclui-se que a abordagem bakhtiniana possibilita compreender a riqueza discursiva da crônica e sua relevância para a construção da memória cultural.

Palavras-chave: Dialogismo; Polifonia; Crônica; Maria da Glória Sá Rosa; Bakhtin.

INTRODUÇÃO

O estudo dos gêneros do discurso, conforme a perspectiva de Mikhail Bakhtin, oferece uma base teórica essencial para compreender a organização da linguagem e a produção de sentidos nas diferentes esferas sociais. Os gêneros discursivos constituem unidades relativamente estáveis que articulam conteúdos temáticos, estruturas composicionais e estilos próprios, refletindo as práticas sociais e os contextos históricos em que se manifestam. Dessa maneira, os conceitos de dialogismo e polifonia revelam a natureza dialógica

da linguagem, enfatizando a interação entre vozes diversas que compõem a estrutura do discurso e possibilitam a imersão de múltiplos sentidos.

Este ensaio propõe analisar a crônica “Elis Regina: Brilho, talento e inteligência singular”, de Maria da Glória Sá Rosa, à luz da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso, do dialogismo e da polifonia. A escolha da crônica justifica-se não só pela importância desse gênero discursivo, que combina elementos narrativos, reflexivos e argumentativos, mas também pelo modo como o texto incorpora e articula múltiplas vozes (da autora, da personagem central, de interlocutores sociais e culturais) configurando-se como um espaço favorecido para a construção dialogal do sentido. Inserida em um contexto histórico marcado por tensões políticas e culturais, a crônica permite examinar a relação entre enunciado e esfera de atividade, bem como o entrelaçamento entre memória, história e subjetividade.

O desenvolvimento do artigo será estruturado em cinco etapas principais. Primeiro, serão apresentados os fundamentos teóricos acerca dos gêneros do discurso, com ênfase na distinção entre gêneros primários e secundários, conforme estabelecido por Bakhtin. Em seguida, será delimitado o gênero da crônica, destacando suas características e sua inserção dentro da esfera cultural e memorial. O terceiro momento do trabalho abordará o conceito de dialogismo como instrumento teórico para análise, explorando como a linguagem se constrói a partir do encontro e da tensão entre vozes diversas. Na sequência, será feita a contextualização do acervo e da trajetória literária de Maria da Glória Sá Rosa, situando sua produção e relevância cultural. Por fim, a análise detalhada da crônica selecionada será realizada, aplicando os conceitos teóricos para revelar as dinâmicas dialogais e polifônicas presentes no texto.

Assim, busca-se demonstrar que a crônica, longe de ser um mero relato, constitui um espaço discursivo vivo, plural e aberto, onde sentido e memória se entrelaçam, produzindo uma narrativa que reflete e se insere em práticas sociais e históricas específicas.

1. GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Os gêneros do discurso, segundo Bakhtin, são “tipos de enunciados relativamente estáveis” (Fiorin, 2016, p.68) e podem ser considerados como formas práticas ou amplas da linguagem, pois são determinados e organizados pelas esferas das atividades humanas, tais como igreja, escola, literatura, política e afins.

Assim, cada gênero estabelece seus principais elementos e finalidade específica para cada enunciado, de acordo com o contexto no qual estão

inseridos, moldando seus elementos, como o tema, composição, uso da linguagem (vocabulário) e estilo, influenciados pelo contexto sócio-histórico e intencional.

Essa concepção também é desenvolvida por Bakhtin (1997), ao afirmar que os gêneros do discurso surgem das diferentes esferas da atividade humana e se constituem historicamente conforme as necessidades de comunicação de cada contexto social. Para o autor, embora apresentem certa estabilidade em sua composição, os gêneros permanecem dinâmicos, acompanhando as transformações das práticas sociais e das formas de interação entre os sujeitos. Dessa maneira, compreender um gênero discursivo implica considerar não apenas sua estrutura, mas também as condições históricas e sociais que orientam sua produção e circulação.

E, ao se tratar de enunciados, deve-se ressaltar que estes são unidades de comunicação, sempre ligados a discursos já existentes, e utilizam a linguagem em situações reais do cotidiano, com a finalidade de realizar uma interação com a expectativa de uma resposta, mesmo que não seja imediata. Por isso, em sua estrutura, há maneiras de utilizar a linguagem para se comunicar com o interlocutor, considerando qual a intenção de interação do gênero.

Dessa forma, como destaca Fiorin (2016, p. 76) “o gênero somente ganha sentido quando se percebe a correlação entre formas e atividades”, pois conhecer e reconhecer as palavras de um texto não é o suficiente; é necessário compreender a esfera à qual ele pertence e os elementos comunicativos, sociais e ideológicos que orientam sua produção.

Nesse sentido, cada gênero carrega consigo um conteúdo temático particular. O reconhecimento dessas formas está diretamente ligado à prática social em que estão inseridas, e é essa prática que determina tanto a finalidade comunicativa quanto os meios expressivos empregados na construção do enunciado.

A partir da relação entre linguagem e as esferas de atividades humanas, Bakhtin faz a divisão dos gêneros do discurso em duas grandes categorias: primários e secundários. Os gêneros primários são aqueles ligados à vida cotidiana, mais espontâneos e imediatos, como piadas, conversas informais, bilhetes, mensagens ou bate-papos (Fiorin, 2016). Costumam ser geralmente orais e surgem diretamente de interações simples do dia a dia. Já os gêneros secundários fazem parte da interação cultural “[...] como a jornalística, a jurídica, a religiosa, a política, a filosófica, a pedagógica, a artística, a científica [...]” (Fiorin, 2016, p.77).

A diferença entre esses gêneros evidencia que a produção dos enunciados é sempre condicionada pelas esferas em que estão inseridos, uma

vez que não se produzem enunciados fora das práticas sociais que os sustentam (Fiorin, 2016). Assim, tanto os gêneros primários quanto os secundários refletem finalidades específicas e características determinadas por cada esfera da atividade humana.

Conforme Bakhtin (1997), os gêneros do discurso não constituem modelos fixos, mas formas relativamente estáveis que acompanham a dinâmica da vida social. À medida que novas práticas de interação surgem, os gêneros também se transformam, incorporando diferentes formas de expressão e adequando-se às necessidades comunicativas de cada época. Essa característica evidencia o caráter histórico e social da linguagem, reforçando que os gêneros se modificam continuamente sem perder sua função comunicativa.

Além da divergência quanto ao contexto de produção, Bakhtin destaca que os gêneros discursivos secundários incorporam e reelaboram gêneros primários. Assim, formas de comunicação cotidiana, como diálogos e conversas informais, passam a integrar gêneros mais complexos, como o romance, a peça teatral ou a crônica, adquirindo novos sentidos em seu novo contexto discursivo.

Por exemplo, uma conversa informal (gênero primário) pode ser reformulada em um romance (gênero secundário), funcionando como parte do diálogo de personagens. Essa interação mostra que os gêneros não são fixos, mas sim flexíveis de transformação e reelaboração conforme suas finalidades e esferas de suporte.

2. A CRÔNICA COMO GÊNERO DISCURSIVO

A crônica, tradicionalmente compreendida como um gênero híbrido entre o jornalismo e a literatura, é considerada, na perspectiva bakhtiniana, um gênero discursivo secundário. No entanto, sua composição frequentemente incorpora marcas de gêneros primários, como o bate-papo, o comentário cotidiano e a observação direta de eventos banais ou situações comuns do dia a dia.

Este gênero tem como temática aspectos corriqueiros da vida urbana, relações sociais, filosofias e reflexões sobre temas ligados ao afetivo, como a vida e a morte. Mas sua estrutura e seu estilo carregam marcas do eu, das opiniões e sentimentos do autor. Com isso, o cronista assume um papel duplo: o de observador da realidade e o de autor que reescreve essa realidade com recursos literários, comunicativos e estilísticos próprios.

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Antonio Candido (1992), para quem a crônica caracteriza-se por transformar acontecimentos simples do cotidiano em matéria literária, estabelecendo uma relação de

proximidade com o leitor. Segundo o autor, esse gênero encontra sua força justamente na capacidade de atribuir novos significados a fatos aparentemente banais, sem perder o vínculo com a realidade social. Dessa forma, a crônica constitui um espaço privilegiado para a manifestação de diferentes vozes, memórias e posicionamentos, características que serão observadas na análise da produção de Maria da Glória Sá Rosa.

3. DIALOGISMO E POLIFONIA

Ao considerar a crônica, é possível compreender que uma de suas principais características se dá sob a perspectiva do dialogismo. O qual, para Bakhtin, como ressalta Fiorin (1994, p.2), “[...] é a condição de sentido do discurso”, pois todo enunciado é atravessado por outras vozes e está sempre em relação com outros enunciados anteriores e futuros. Portanto, o dialogismo refere-se à voz do eu e do outro no enunciado, nunca sendo neutro: ele responde a algo que já foi dito e, ao mesmo tempo, antecipa uma resposta, mesmo que implícita. Assim, “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (Fiorin, 1994, p.3), evidenciando que toda comunicação carrega marcas do outro.

Ricoeur (2007) amplia essa discussão ao relacionar memória e esquecimento, compreendendo que lembrar também constitui uma forma de resistir ao apagamento do passado. Para o autor, a memória precisa ser constantemente atualizada, pois somente por meio desse movimento as experiências vividas permanecem significativas para os sujeitos e para a sociedade.

Ao perceber que a crônica frequentemente se constrói a partir de lembranças e experiências vividas, torna-se pertinente aproximá-la da concepção de memória coletiva desenvolvida por Maurice Halbwachs (2003). Para o autor, lembrar não constitui um ato exclusivamente individual, mas um processo social, uma vez que as recordações são constantemente reconstruídas a partir dos grupos aos quais o sujeito pertence. Sob essa perspectiva, a memória mobilizada por Maria da Glória Sá Rosa ultrapassa a experiência pessoal, dialogando com acontecimentos históricos e referências compartilhadas socialmente, aspecto que será evidenciado na análise da crônica.

No caso da crônica, essa característica torna-se ainda mais evidente, já que o cronista frequentemente retoma discursos sociais, memórias, opiniões e referências culturais para produzir sua reflexão. Assim, o texto assume uma polifonia, em que diversas vozes sociais se encontram na construção de sentidos. Ou seja, é por meio da interação com outras vozes, ideias e contextos que as palavras adquirem significado.

Nessa perspectiva, Brait (2005) ressalta que o dialogismo constitui um princípio constitutivo da linguagem, uma vez que todo enunciado se constrói em relação com outros discursos. Assim, compreender um texto implica reconhecer as diferentes vozes que o atravessam e os posicionamentos assumidos pelo sujeito enunciatador diante do contexto em que está inserido.

Sob essa óptica, compreender a crônica enquanto gênero discursivo implica reconhecer que ela não se limita a uma forma textual específica, mas constitui um enunciado produzido em determinada esfera de atividade, marcado pelas condições históricas de sua produção e pela interação entre diferentes sujeitos. Conforme Bakhtin (1997), os gêneros do discurso refletem as finalidades comunicativas das esferas sociais em que circulam, aspecto que se evidencia na produção de Maria da Glória Sá Rosa.

Dando sequência à reflexão sobre o diálogo de vozes na crônica, o conceito de dialogismo e gênero do discurso na lente Bakhtiniana, é necessário apresentar o Acervo Maria da Glória Sá Rosa, que preserva a memória e as produções de uma das figuras mais importantes da cultura sul-mato-grossense.

4. MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA E SEU ACERVO

Vinculado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Campo Grande, o acervo reúne aproximadamente 4.000 itens, entre eles livros, diários pessoais, registros fotográficos de viagens, DVD's, fitas VHS e outros materiais audiovisuais. Essa extensa coleção está organizada e disponível para consulta pública, mediante agendamento, promovendo o acesso ao legado da autora por pesquisadores, estudantes e demais interessados.

Maria da Glória Sá Rosa, intitulada carinhosamente como *Glorinha*, foi professora titular e pioneira na área de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), além de fundadora de importantes instituições culturais da capital, como a Aliança Francesa de Campo Grande, o Teatro Universitário. Atuou ativamente no campo das artes, organizando festivais de música, encontros de poesia e mostras literárias.

Como cronista, deixou uma obra marcada por olhar crítico e sensível sobre a cultura, a política e o cotidiano, reunida em publicações como *Crônicas de Fim de Século* (2001) e *A Crônica dos Quatro* (2014), esta última em coautoria com outras escritoras da região. Além disso, publicou as obras *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul* (1990) e *Memória da Arte em Mato Grosso do Sul* (1992), juntamente com Idara Duncan e Maria Adélia Menegazzo. O acervo, portanto, não apenas resgata a

trajetória da autora, mas também se constitui como um espaço de preservação e valorização da memória cultural do Mato Grosso do Sul.

Essa compreensão permite olhar o Acervo Maria da Glória Sá Rosa para além de um conjunto de documentos pessoais. Maria da Glória Sá Rosa atuou como professora, escritora, gestora cultural e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, participando de diferentes grupos sociais ao longo de sua trajetória. Dessa forma, os documentos preservados em seu acervo registram não apenas sua história individual, mas também as relações culturais, educacionais e intelectuais das quais fez parte, evidenciando a dimensão coletiva dessa memória.

As reflexões de Pierre Nora (1993) complementam essa discussão ao compreender a memória como um fenômeno vivo, permanentemente reconstruído pelos grupos sociais e relacionado às experiências compartilhadas. Sob essa perspectiva, o acervo também pode ser compreendido como um espaço de preservação da memória cultural, permitindo que diferentes gerações estabeleçam novas interpretações sobre a trajetória de Maria da Glória Sá Rosa e sobre o contexto histórico em que sua produção foi construída.

5. ANÁLISE DA CRÔNICA *ELIS REGINA: BRILHO, TALENTO E INTELIGÊNCIA SINGULAR*

A crônica “Elis Regina: Brilho, talento e inteligência singular”, de Maria da Glória Sá Rosa, publicada em 2001, rememora o encontro da autora com a cantora Elis Regina durante sua passagem por Campo Grande, em 1974, para uma apresentação no Teatro Glaucê Rocha. A partir dessa lembrança, a autora relata os efeitos da censura sobre o espetáculo, especialmente a proibição da canção *Cálice*, de Gilberto Gil, articulando memória pessoal, contexto histórico e admiração pela artista.

A crônica exemplifica de maneira clara o funcionamento dos conceitos de gênero do discurso, dialogismo e polifonia na produção textual. Nesse contexto, a autora estabelece uma relação dialógica com Elis Regina, com a sociedade da época e com o contexto histórico que envolve a narrativa.

Ao relatar esse encontro, Maria da Glória revela que Elis estava cabisbaixa antes da apresentação, conforme o trecho:

Vivíamos então os anos da repressão, o que significa que o repertório dos shows deveria ser previamente aprovado pela censura, que eliminava tudo que era

considerado ofensivo ao regime vigente. Antes do espetáculo, encontrei Elis Regina nervosa, olhos vermelhos diante do espelho do camarim do teatro, porque Cálice de Gilberto Gil, talvez o número mais significativo da noite, havia sido vetada (Elis Regina: Brilho, talento e inteligência singular, Maria da Glória Sá Rosa, 2001)

A partir disso, e do contexto sócio-histórico a qual está inserida, a crônica conta com ricos detalhes a serem analisados a partir da perspectiva ideológica do dialogismo, o qual considera o contexto histórico e imediato, bem como as características singulares da crônica como um gênero do discurso. Nesse sentido, a lembrança narrada pela cronista deixa de representar apenas uma experiência individual para constituir também uma memória compartilhada de um período histórico marcado pela repressão política, aproximando-se da perspectiva de Halbwachs (2003) acerca da construção social da memória.

Sendo assim, ao analisar a crônica, é possível identificar este contexto, explícito pela própria autora, com a frase “Vivíamos então os anos da repressão, o que significa que o repertório dos shows deveria ser previamente aprovado pela censura”. As palavras “repressão”, “censura” e o ano de 1974 são panos de fundo que dialogam entre si, memória e dizeres, que nos levam ao período da Ditadura Militar, marcado pelo medo e angústia, reforçando o conceito de dialogismo ao se ter dizeres com memórias e um enunciado já dito, não existente isoladamente. Além disso, evidencia a MPB como forma de resistência à essa opressão, característica marcante da época.

Essa relação torna-se ainda mais evidente quando Elis Regina afirma: “Vocês não sabem o que me espera. Se não me pegarem aqui, me agarram mais adiante”. A fala da cantora ultrapassa sua experiência individual e dialoga com a situação vivida por diversos artistas durante a Ditadura Militar, marcados pela vigilância e pela censura. Dessa forma, a memória pessoal narrada por Maria da Glória Sá Rosa articula-se à memória histórica e coletiva do período, evidenciando o dialogismo presente na construção da crônica.

A referência ao trecho “Os anos passaram, levando consigo o fantasma da repressão” demonstra que a narrativa não permanece restrita ao momento do encontro entre Maria da Glória Sá Rosa e Elis Regina. Ao retomar esse acontecimento décadas depois, a cronista reconstrói a memória à luz de um novo contexto histórico, estabelecendo um diálogo entre passado e presente.

Dessa forma, o enunciado evidencia que a memória não corresponde à simples recuperação dos fatos vividos, mas à produção de novos sentidos a partir das experiências e dos discursos que atravessam o sujeito ao longo do tempo. Sob essa perspectiva, o dialogismo manifesta-se também na relação entre diferentes temporalidades presentes na narrativa.

Já em relação à polifonia, esta é marcada pela presença de múltiplas vozes, tanto explícitas quanto implícitas. A voz da autora, que alterna entre a memória e opinião sobre a cantora “uma estrela de sua grandeza, admirada no País inteiro”; a voz de Elis, em falas diretas e indiretas, revelando sua personalidade intensa como no trecho “Vocês não sabem o que me espera. Se não me pegarem aqui, me agarram mais adiante”; a voz de outros artistas, como Gilberto Gil, intérprete da música *Cálice*, “porque Cálice de Gilberto Gil, talvez o número mais significativo da noite, havia sido vetada”.

Conforme Bezerra (2005), a polifonia caracteriza-se pela coexistência de diferentes consciências e posicionamentos no interior do discurso, sem que uma voz elimine completamente a outra. Na crônica analisada, esse aspecto manifesta-se na articulação entre a voz da cronista, as falas de Elis Regina, as referências a outros artistas e o contexto histórico da Ditadura Militar, produzindo um enunciado marcado pela multiplicidade de perspectivas.

A construção desses sentidos também pode ser compreendida a partir da noção de enunciados aderentes proposta por Maingueneau (2012). Para o autor, determinados enunciados incorporam referências culturais e sociais que ampliam sua interpretação para além do texto em si. Na crônica, as menções a Milton Nascimento, Tom Jobim, João Cabral de Melo Neto, Fernando Pessoa e Suely Costa mobilizam um repertório compartilhado pelo leitor e reforçam o diálogo estabelecido entre a memória individual da cronista e a memória cultural brasileira.

Entre essas referências, destaca-se a aproximação estabelecida entre Elis Regina e Fernando Pessoa. Ao recorrer à referência “Fernando Pessoa guardava rebanhos, Elis Regina domesticava notas musicais”, Maria da Glória Sá Rosa mobiliza uma referência literária para construir uma imagem poética da cantora.

Esse diálogo entre literatura e música amplia os sentidos da narrativa e evidencia que a crônica se constitui pela interação entre diferentes discursos artísticos, reforçando seu caráter polifônico e a presença de múltiplas vozes

culturais na construção do enunciado.

Para além disso, Maria da Glória Sá Rosa sempre deixou explícito em suas crônicas suas opiniões e pensamentos, o seu eu. Assim, conectou o contexto histórico, a experiência individual e o discurso social em sua crônica sobre Elis, bem como seus comentários individuais, como nos trechos a seguir: “Nunca houve nem haverá uma estrela com o brilho, o talento, o vigor expressivo de Elis Regina.”, “uma estrela que nunca será igualada.”, “uma estrela de sua grandeza, admirada no País inteiro” e “Foi a mais trágica, a mais sensível, a mais completa intérprete de nossa MPB”.

Outro aspecto relevante é a forma como Maria da Glória Sá Rosa constrói discursivamente a imagem de Elis Regina. Ao descrevê-la como “De calça Lee, camiseta de malandro, rosto limpo de maquilagem, sem qualquer outro adereço, a não ser a voz privilegiada”, a cronista destaca a simplicidade da aparência em contraste com a potência de sua interpretação. Essa caracterização contribui para a construção de uma imagem humanizada da artista, ao mesmo tempo em que evidencia a admiração da autora por sua presença e talento.

Essa construção discursiva revela que a narrativa não busca apenas registrar um acontecimento vivido pela autora, mas atribuir significados à figura de Elis Regina. Ao longo da crônica, Maria da Glória Sá Rosa articula memória, contexto histórico e referências culturais para construir uma representação da cantora que ultrapassa a experiência individual e dialoga com a memória coletiva da música popular brasileira. Dessa forma, a voz da cronista assume um posicionamento valorativo que orienta a leitura e reforça a produção de sentidos no texto.

A análise evidencia que a crônica ultrapassa o simples registro memorialístico de um encontro entre autora e artista. Ao articular lembranças pessoais, referências musicais, acontecimentos históricos e diferentes vozes sociais, Maria da Glória Sá Rosa constrói um enunciado que dialoga com a memória coletiva e com a cultura brasileira. Assim, os conceitos de dialogismo e polifonia mostram-se fundamentais para compreender como os sentidos da narrativa são produzidos a partir da interação entre diferentes discursos.

Dessa forma, o texto de Maria da Glória Sá Rosa é um exemplo de extrema riqueza para demonstrar como a crônica, enquanto gênero do discurso, pode operar como espaço privilegiado para o exercício do dialogismo e da polifonia, produzindo sentidos complexos que vão além da simples narração de eventos, ao mesmo tempo que situam o leitor num campo de múltiplas

vozes e contexto sócio-histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da crônica “Elis Regina: Brilho, talento e inteligência singular”, a partir do referencial teórico dos gêneros do discurso, dialogismo e polifonia, confirma a complexidade e a riqueza do gênero crônica como prática discursiva. Ao incorporar vozes diversas, a do eu enunciador, a da própria Elis Regina, a da memória coletiva e de interlocutores culturais, o texto exemplifica a construção dialógica que Bakhtin concebe como fundamental para o funcionamento da linguagem.

Essa polifonia não apenas multiplica as perspectivas presentes no enunciado, mas também insere o texto em um contexto histórico e social específico, reforçando a ideia de que o sentido é sempre produzido na interação dinâmica entre sujeitos históricos e suas práticas comunicativas.

Os resultados da análise demonstram que a crônica de Maria da Glória Sá Rosa ultrapassa a função de registrar um episódio da trajetória de Elis Regina. Ao articular lembranças pessoais, acontecimentos históricos, referências musicais e literárias e posicionamentos valorativos da autora, o texto constitui um espaço de encontro entre diferentes vozes e diferentes tempos históricos.

Nesse sentido, a narrativa evidencia que a memória é construída discursivamente e que os sentidos produzidos não decorrem apenas da experiência individual da cronista, mas das relações que ela estabelece com outros sujeitos, discursos e contextos socioculturais.

Assim, a leitura da crônica sob a perspectiva bakhtiniana permite compreender como o dialogismo e a polifonia contribuem para a construção de uma memória cultural que ultrapassa o acontecimento narrado e permanece significativa para diferentes leitores e momentos históricos.

Este estudo reafirma, portanto, a importância da abordagem bakhtiniana para a compreensão dos processos comunicativos e da produção do sentido na linguagem, especialmente quando aplicada a gêneros discursivos que envolvem memória, cultura e experiência social.

Além disso, evidencia a relevância da obra de Maria da Glória Sá Rosa para os estudos discursivos e para a preservação da memória cultural sul-mato-grossense, demonstrando que suas crônicas constituem um rico campo

de investigação para pesquisas futuras voltadas à linguagem, à literatura e à memória.

REFERÊNCIAS

- ACERVO MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA. Acervo Maria da Glória, UEMS, Campo Grande, MS. Disponível em: <https://www.acervomariadagloria.com.br>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 191-200.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Enunciados aderentes**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SÁ ROSA, Maria da Glória. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2001.

INTERTEXTUALIDADES ESTRITAS E AMPLAS: UM OLHAR DA LINGUÍSTICA TEXTUAL SOBRE OS DIÁLOGOS ENTRE TEXTOS

Bruno Aguinaldo Feitosa (UEMS/UNIFESP/NuPeQ/ASPAS/GRUPESQ)

<https://orcid.org/0000-0001-9821-9171>

RESUMO

Este artigo discute os fundamentos da Linguística Textual, enfatizando sua evolução teórica e suas contribuições para a compreensão dos processos de produção e interpretação dos textos. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamenta-se em autores como Ingedore Koch, Vanda Maria Elias, Mônica Cavalcante, Mikhail Bakhtin, Gérard Genette, Robert-Alain de Beaugrande, Wolfgang Dressler e Ana Paula Carvalho, articulando ainda contribuições das perspectivas alemãs da Linguística Textual. O estudo analisa conceitos centrais como textualidade, coesão, coerência, gêneros discursivos, dialogismo, transtextualidade e intertextualidade, com destaque para a distinção entre intertextualidades estritas e amplas proposta por Carvalho. Os resultados evidenciam que o texto constitui um fenômeno sociocognitivo e interacional, cuja produção de sentidos depende da articulação entre aspectos linguísticos, discursivos, cognitivos e socioculturais. Conclui-se que a integração dessas abordagens amplia a compreensão do funcionamento textual e oferece bases teóricas consistentes para a análise de diferentes gêneros discursivos, especialmente textos multimodais, como as histórias em quadrinhos, contribuindo para o fortalecimento das pesquisas em Linguística Textual.

Palavras-chave: Linguística Textual; Intertextualidade; Transtextualidade; Textualidade; Gêneros Discursivos.

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual consolidou-se como um dos principais campos de investigação da linguagem ao deslocar o foco dos estudos linguísticos da frase isolada para o texto concebido como unidade de comunicação, interação

e produção de sentidos. Essa mudança de perspectiva permitiu compreender que os processos de significação não se restringem às estruturas linguísticas, mas resultam da articulação entre aspectos cognitivos, discursivos, sociais e culturais que permeiam as práticas de linguagem. Nessa perspectiva, o texto deixa de ser entendido como um produto exclusivamente formal para ser concebido como um evento comunicativo situado, construído na interação entre sujeitos historicamente inseridos em diferentes contextos socioculturais.

Ao longo de seu desenvolvimento, a Linguística Textual ampliou significativamente seu campo de investigação, incorporando contribuições provenientes de diferentes correntes teóricas dedicadas à compreensão da linguagem em uso. Conceitos como textualidade, coesão, coerência, dialogismo, gêneros discursivos, intertextualidade e transtextualidade passaram a desempenhar papel central na explicação dos mecanismos responsáveis pela construção dos sentidos, evidenciando que a interpretação textual depende tanto da organização interna dos textos quanto das relações estabelecidas entre autores, leitores, discursos e contextos de produção.

Nesse cenário, as contribuições de autores como Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias, Mônica Magalhães Cavalcante, Robert-Alain de Beaugrande, Wolfgang Dressler, Mikhail Bakhtin e Gérard Genette constituem referenciais fundamentais para compreender a evolução da Linguística Textual e a ampliação de seu objeto de estudo. Enquanto Beaugrande e Dressler sistematizam os critérios de textualidade, Bakhtin evidencia o caráter dialógico dos enunciados e a centralidade dos gêneros discursivos nas práticas sociais de linguagem. Genette, por sua vez, amplia essa discussão ao propor a teoria da transtextualidade, demonstrando que os textos estabelecem diferentes formas de relacionamento entre si, ultrapassando as referências explícitas tradicionalmente associadas à intertextualidade.

As discussões contemporâneas sobre o tema evidenciam, ainda, que a produção e a interpretação dos textos se tornaram mais complexas diante da expansão dos ambientes digitais, da multimodalidade e da intensa circulação de discursos em diferentes suportes e mídias. Nesse contexto, destacam-se as contribuições de Carvalho (2018), ao propor a distinção entre intertextualidades estritas e amplas, ampliando a compreensão das múltiplas formas pelas quais os textos dialogam entre si e mobilizam conhecimentos compartilhados pelos interlocutores. Essa perspectiva reafirma a natureza dinâmica da textualidade e demonstra que a construção dos sentidos decorre de

processos que extrapolam a materialidade linguística, envolvendo repertórios culturais, memória discursiva e práticas sociais de leitura e escrita.

Diante desse panorama, este artigo tem por objetivo discutir os fundamentos teóricos da Linguística Textual, enfatizando as contribuições de diferentes perspectivas para a compreensão da textualidade e das relações intertextuais que permeiam a construção dos sentidos. Para tanto, realiza-se uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, articulando autores clássicos e contemporâneos que contribuíram para a consolidação desse campo de estudos. A discussão desenvolvida busca evidenciar como conceitos como textualidade, coesão, coerência, dialogismo, gêneros discursivos, transtextualidade e intertextualidade constituem categorias fundamentais para a análise dos fenômenos discursivos, oferecendo um referencial teórico consistente para investigações sobre diferentes gêneros textuais, especialmente aqueles marcados pela multimodalidade e pela intensa circulação de discursos na contemporaneidade.

1. O TEXTO COMO OBJETO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

O presente trabalho tem como tema a Linguística Textual, compreendida como uma área teórica que investiga os mecanismos linguísticos, cognitivos e contextuais responsáveis pela coerência, coesão e significação dos textos.

A escolha da Linguística Textual como tema central deste trabalho fundamenta-se na compreensão de que o texto é a unidade privilegiada para o estudo da linguagem em uso. Diferentemente das abordagens que priorizam estruturas abstratas, a Linguística Textual considera que o texto se constitui na interface entre língua, cognição e interação. Assim, investigar seus mecanismos implica examinar não apenas as escolhas linguísticas, mas também os processos inferenciais, as práticas discursivas e as condições de produção que possibilitam a construção dos sentidos. Nesse contexto, o texto é entendido como uma atividade comunicativa situada, e não como produto estanque ou mera soma de frases.

Além disso, ao adotar o texto como objeto de análise, a Linguística Textual permite articular diferentes dimensões do funcionamento discursivo, como os critérios de textualidade propostos por Beaugrande e Dressler, os mecanismos de referenciação e progressão textual discutidos por Koch e Travaglia, e os modelos cognitivos descritos por Schnotz e Molitor-Lübbert. Essa multiplicidade de abordagens demonstra que o tema envolve tanto

aspectos microestruturais, como as relações linguísticas internas ao texto, quanto macroestruturais, relacionados à organização temática, ao contexto sociocomunicativo e à rede de discursos que o atravessa.

Dessa forma, trabalhar com a Linguística Textual como tema significa considerar também o papel da intertextualidade como elemento constitutivo dos sentidos textuais. Conforme Bakhtin discute ao tratar do dialogismo, todo texto se relaciona com outros textos, assumindo posições, respondendo a enunciados anteriores e antecipando enunciados futuros. Genette, ao propor a teoria da transtextualidade, amplia esse entendimento ao incluir diferentes níveis de relação entre textos, como paratextos, hipertextos e arquitextos. Esses estudos reforçam que compreender o texto envolve reconhecer o entrelaçamento de vozes, discursos e tradições que estruturam sua significação.

Mais recentemente, a proposta de Carvalho (2018) acerca das intertextualidades estritas e amplas acrescenta uma camada importante à discussão, ao evidenciar que as relações entre textos podem ser explícitas, identificáveis e verificáveis, ou difusas, ativadas por repertórios socioculturais, memórias discursivas e saberes compartilhados. Esse entendimento contemporâneo, alinhado a práticas digitais e multimodais, demonstra que a Linguística Textual permanece como campo fértil e necessário para problematizar a circulação dos sentidos na sociedade atual. Assim, ao definir a Linguística Textual como tema deste trabalho, busca-se articular múltiplas perspectivas teóricas com vistas a compreender a complexidade dos processos de produção, interpretação e interação textual.

2. PERTINÊNCIA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Estudar a Linguística Textual é essencial para compreender o texto como prática social e instrumento de interação. Desde sua consolidação, na década de 1960, essa vertente tem buscado ultrapassar os limites da frase para analisar o texto em sua integralidade, considerando tanto sua estrutura linguística quanto os fatores situacionais e cognitivos que o permeiam (Koch, 2010).

No contexto atual, em que as práticas discursivas se expandem para ambientes digitais e multimodais, compreender o funcionamento textual torna-se ainda mais relevante. Como destacam Cavalcante et al. (2022), o texto é o núcleo da comunicação e o espaço onde se negociam sentidos, intenções e valores sociais. Além disso, os estudos de Bakhtin (2016) e Genette (2009;

2010) reforçam que todo texto é um espaço de diálogo, atravessado por outros discursos e mediado por elementos paratextuais que influenciam sua recepção e interpretação.

A relevância desta pesquisa também se justifica pela necessidade de compreender como diferentes gêneros discursivos, especialmente gêneros multimodais como as histórias em quadrinhos (HQs), mobilizam mecanismos de textualidade e intertextualidade na construção dos sentidos. As HQs constituem um tipo de texto híbrido, que articula linguagem verbal e visual em estrutura sequencial, exigindo do leitor uma integração contínua entre modos semióticos distintos. Esse caráter multimodal fortalece a pertinência da Linguística Textual como lente analítica, uma vez que permite observar, de forma integrada, os recursos linguísticos, narrativos, visuais e cognitivos envolvidos na leitura.

Além disso, a perspectiva bakhtiniana dos gêneros discursivos oferece um arcabouço teórico essencial para analisar as HQs como práticas sociais que circulam em esferas culturais específicas. Bakhtin ressalta que os gêneros respondem a funções sociais e históricas determinadas, o que implica reconhecer que as HQs, enquanto gênero, não são apenas artefatos ficcionais, mas objetos discursivos que dialogam com valores, ideologias, debates sociais e outras produções culturais. Nesse sentido, investigar *Os Supremos* sob essa ótica permite compreender como discursos circulam, são apropriados, transformados e reencenados nesse tipo de narrativa seriada.

Por outro lado, a teoria da transtextualidade de Genette contribui significativamente para justificar a escolha da HQ *Os Supremos* como objeto de estudo. A obra opera intensamente com hipertextualidade, reciclando, reinterpretando e transformando personagens, enredos e universos narrativos já consagrados na cultura pop. Ao mesmo tempo, apresenta forte componente paratextual, títulos, chamadas, capas, edição visual, prefácios, que moldam a leitura e orientam a construção dos sentidos. A análise desses elementos exige um referencial capaz de considerar tais relações intertextuais e metaenunciativas, o que torna a Linguística Textual um campo de investigação privilegiado.

Outro aspecto que reforça a justificativa é a pertinência da proposta de Carvalho (2018) sobre intertextualidades estritas e amplas. A HQ *Os Supremos* mobilizam ambas as modalidades: apresenta referências explícitas a narrativas clássicas dos quadrinhos (intertextualidade estrita), ao mesmo tempo em que

ativa repertórios culturais amplos relacionados a debates geopolíticos, discursos midiáticos e imaginários sociais contemporâneos (intertextualidade ampla). Ao aplicar essa distinção ao objeto escolhido, esta pesquisa contribui para consolidar o modelo proposto por Carvalho, demonstrando sua aplicabilidade em gêneros multimodais e narrativas seriadas.

Justifica-se também a escolha de *Os Supremos* porque essa HQ se insere em um contexto de grande circulação cultural, sendo responsável por influenciar significativamente as representações sociais dos super-heróis contemporâneos, inclusive nas mídias cinematográficas. Tal impacto cultural evidencia que o texto não está restrito ao campo da ficção, mas participa ativamente da construção de discursos sociais, valores ideológicos e memórias coletivas. A Linguística Textual, ao articular linguagem, cognição e interação, oferece instrumentos fundamentais para compreender como tais sentidos são produzidos, difundidos e reinterpretados pelo leitor.

Assim, desenvolver um capítulo teórico sobre a Linguística Textual justifica-se pela necessidade de articular diferentes concepções de texto, evidenciando seu papel como mediador de sentidos e como objeto de análise central para o ensino, a leitura e a produção textual.

5. FUNDAMENTOS DA ANÁLISE TEXTUAL

Este artigo tem como propósito discutir os fundamentos teóricos da Linguística Textual, evidenciando sua contribuição para a compreensão dos processos de construção dos sentidos nos textos e das relações que estes estabelecem com outros discursos. Para isso, são examinadas as principais categorias analíticas desenvolvidas pelo campo, como textualidade, coesão, coerência, intertextualidade, transtextualidade e gêneros discursivos, compreendidas como elementos essenciais para a interpretação da linguagem em uso.

A discussão fundamenta-se na perspectiva de que o texto constitui uma prática social e interacional, cuja produção e interpretação dependem da articulação entre fatores linguísticos, cognitivos, discursivos e socioculturais. Nessa direção, busca-se demonstrar como as contribuições de autores como Koch, Elias, Cavalcante, Bakhtin, Genette, Beaugrande e Dressler, entre outros, possibilitam compreender o funcionamento textual para além da materialidade linguística, incorporando aspectos relacionados ao contexto de produção, à memória discursiva, aos conhecimentos compartilhados e às

condições de interação.

Especial atenção é dedicada às relações intertextuais e transtextuais, considerando que a produção de sentidos resulta tanto da organização interna dos textos quanto dos diálogos que estes estabelecem com outros textos e práticas discursivas. Nesse contexto, destaca-se a proposta de Carvalho (2018) acerca das intertextualidades estritas e amplas, cuja sistematização amplia as possibilidades de análise das relações textuais ao contemplar tanto referências explicitamente identificáveis quanto evocações fundamentadas em repertórios socioculturais compartilhados.

Ao reunir diferentes perspectivas teóricas, este estudo pretende oferecer uma visão integrada da Linguística Textual, evidenciando seu caráter interdisciplinar e sua relevância para a investigação dos fenômenos discursivos contemporâneos. Desse modo, busca-se contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre textualidade e intertextualidade, bem como fornece um referencial teórico consistente para a análise de diferentes gêneros discursivos, especialmente aqueles marcados pela multimodalidade e pela intensa circulação de discursos na sociedade contemporânea.

6. CONCEITOS CENTRAIS E DEBATES FUNDAMENTAIS

A Linguística Textual, conforme destaca Koch (2010), surgiu na Europa nos anos 1960 e consolidou-se nas décadas seguintes como um campo voltado à análise das relações entre enunciados, à construção da coerência e aos critérios de textualidade. Essa abordagem se afasta das perspectivas estruturalistas e gerativistas ao compreender o texto não como uma sequência de frases, mas como uma unidade comunicativa, dotada de sentido e produzida em situação de interação.

De acordo com Cavalcante et al. (2022), o texto é o objeto central da Linguística Textual, entendido como um evento comunicativo que envolve sujeitos, intenções, contextos e gêneros. Nessa perspectiva, a textualidade é construída por meio da articulação entre elementos linguísticos e extralinguísticos, o que faz do texto uma manifestação dinâmica da linguagem.

Entre os critérios que garantem a textualidade, a coesão e a coerência assumem papel fundamental. A coesão diz respeito aos mecanismos formais que interligam os enunciados, como a referenciação, a substituição, as elipses e as conjunções, enquanto a coerência se refere à unidade de sentido que emerge da interação entre texto, leitor e contexto (Koch, 2010).

A Linguística Textual também reconhece a natureza interdiscursiva do

texto. Ana Paula Carvalho (2018), ao propor as noções de intertextualidades estritas e amplas, demonstra que os textos se relacionam por meio de citações, alusões ou ressignificações difusas, ampliando a concepção de intertextualidade proposta por Beaugrande e Dressler. Essa visão se aproxima das reflexões de Gérard Genette (1982), que propõe o conceito de transtextualidade, abrangendo cinco modalidades de relação entre textos: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade.

Paralelamente, Bakhtin (2016) destaca que todo enunciado é moldado por um gênero discursivo, que reflete as condições e finalidades da comunicação social. A noção de gênero, nesse sentido, é incorporada à Linguística Textual como categoria essencial para compreender as formas de interação verbal. Os gêneros organizam as ações comunicativas e permitem que o sujeito se insira em práticas discursivas concretas, adaptando sua linguagem às situações de uso.

A Linguística Textual, conforme destaca Koch (2010), surgiu na Europa nos anos 1960 e consolidou-se nas décadas seguintes como um campo voltado à análise das relações entre enunciados, à construção da coerência e aos critérios de textualidade. Essa abordagem se afasta das perspectivas estruturalistas e gerativistas ao compreender o texto não como uma simples sequência de frases, mas como uma unidade comunicativa, dotada de sentido e produzida em situação de interação.

De acordo com Cavalcante et al. (2022), o texto é o objeto central da Linguística Textual, entendido como um evento comunicativo que envolve sujeitos, intenções, contextos e gêneros. A textualidade, nessa perspectiva, é construída pela articulação entre elementos linguísticos e extralinguísticos, de modo que o texto se apresenta como uma manifestação dinâmica da linguagem, dependente das condições de produção e interpretação.

Entre os critérios que garantem a textualidade, a coesão e a coerência assumem papel fundamental. A coesão corresponde aos mecanismos formais que organizam a ligação entre os enunciados, como referência, elipse, substituição e conjunção, enquanto a coerência diz respeito à construção global de sentidos que emerge da interação entre texto, leitor e contexto (Koch, 2010). Dessa forma, ambos os critérios se complementam e permitem compreender como o texto se estrutura internamente.

A Linguística Textual também reconhece a natureza interdiscursiva e dialógica dos textos. Ana Paula Carvalho (2018), ao propor as categorias de

intertextualidades estritas e amplas, demonstra que os textos se relacionam entre si por meio de citações, alusões, ressignificações explícitas ou por meio de memórias discursivas difusas que o leitor aciona durante a interpretação. Essa concepção amplia a noção clássica de intertextualidade formulada por Beaugrande e Dressler (1981).

A esse respeito, os autores afirmam em uma passagem fundamental: “Um texto é uma ocorrência comunicativa que atende aos padrões de coesão e coerência e que é reconhecida como tal pelos participantes da comunicação” (Beaugrande & Dressler, 1981, p. 3)”.

Essa definição situa a textualidade como fenômeno que depende tanto de critérios estruturais quanto da ação interpretativa dos interlocutores.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Gérard Genette (1982), que propõe o conceito de transtextualidade, abrangendo cinco modalidades de relação entre textos: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitextualidade. Trata-se de uma estrutura analítica que permite mapear com precisão os modos como um texto se inscreve em redes discursivas mais amplas.

Em paralelo, Bakhtin (2016) destaca que todo enunciado é moldado por um gênero discursivo, que reflete as condições e finalidades da comunicação social. Para o autor, os gêneros organizam as ações comunicativas e constituem formas relativamente estáveis de enunciado. A célebre afirmação de Bakhtin reforça essa perspectiva: “A palavra é sempre carregada de ecos e lembranças de contextos em que já viveu sua vida anterior” (Bakhtin, 2016).

Assim, o texto é sempre retomada, resposta e antecipação de outros textos.

Genette (2009) contribui ainda com o conceito de paratexto, definido como o conjunto de elementos que acompanham e moldam a leitura de uma obra, títulos, prefácios, epígrafes, notas, capas, orelhas e outros elementos editoriais. Em sua formulação clássica, o autor afirma: “O paratexto é essa zona indecisa entre o dentro e o fora do texto, que condiciona e orienta sua recepção” (Genette, 2009). Essa concepção reforça que nenhum texto existe isoladamente, mas sempre em relação a suportes e discursos externos que o enquadram.

As contribuições alemãs, presentes nas obras anexadas ao projeto, reforçam esse entendimento ampliado do texto. Rickheit e Strohner (1990), ao discutir o processamento textual, afirmam que a compreensão se baseia na construção de modelos mentais integrados, nos quais o leitor relaciona informações explícitas, implícitas e inferenciais. Em uma das formulações mais importantes, eles afirmam: “A compreensão textual baseia-se na construção de modelos mentais integrados, que relacionam conhecimento de mundo, memória discursiva e inferências guiadas pelo contexto.” Essa perspectiva demonstra que a coerência é mais um processo cognitivo do que uma propriedade fixa do texto.

Sandig (2003), outra autora central das perspectivas alemãs, amplia essa visão ao caracterizar o texto como ação verbal complexa realizada por sujeitos situados. Ela afirma que: “O texto é uma ação verbal complexa, realizada por sujeitos situados, que mobilizam operações de ordenação, progressão, retomada e hierarquização da informação.” Essa concepção fortalece a abordagem da textualidade como fenômeno sociocognitivo e processual.

Blühdorn acrescenta que os textos se inserem em redes discursivas e culturais que modulam seu sentido. Para o autor, o texto nunca é compreendido isoladamente, mas em relação aos discursos que o precedem e o sucedem, reforçando o caráter dinâmico da interpretação.

Por fim, o conjunto dessas perspectivas demonstra que a Linguística Textual constitui um campo multifacetado, que articula dimensões linguísticas, cognitivas, interdiscursivas e socioculturais. A profundidade desses fundamentos teóricos oferece base sólida para análises aplicadas, como a leitura de HQs contemporâneas, filmes, discursos midiáticos e outros gêneros multimodais, nas quais as relações intertextuais e os mecanismos de textualidade desempenham papel essencial na construção dos sentidos.

Por fim, Genette (2009) amplia a discussão ao introduzir o conceito de paratexto, isto é, o conjunto de elementos que acompanham e moldam a leitura de uma obra, títulos, prefácios, epígrafes, notas, entre outros. Esses componentes configuram o que o autor chama de “zona indecisa entre o dentro e o fora do texto”, reforçando que nenhum texto existe isoladamente, mas sempre em diálogo com outros discursos e suportes.

7. PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica de abordagem qualitativa. A investigação fundamenta-se na análise crítica de obras que constituem referência para a Linguística Textual e para os estudos da intertextualidade, buscando compreender a evolução dos principais conceitos que estruturam esse campo do conhecimento e suas contribuições para a análise dos fenômenos discursivos.

O corpus bibliográfico é composto por livros, artigos científicos e capítulos de obras especializadas produzidos por autores que desempenharam papel significativo na consolidação da Linguística Textual, entre os quais se destacam Koch, Elias, Cavalcante, Beaugrande, Dressler, Bakhtin, Genette, Carvalho, Travaglia, Sandig, Rickheit, Strohner e Blühdorn. A seleção do referencial considerou sua relevância para a discussão das categorias de textualidade, coesão, coerência, dialogismo, gêneros discursivos, transtextualidade e intertextualidade, bem como sua representatividade na evolução histórica e epistemológica da área.

A análise do material bibliográfico foi conduzida mediante leitura sistemática, fichamento e interpretação crítica das obras selecionadas. Esse procedimento permitiu identificar aproximações, convergências e especificidades entre as diferentes perspectivas teóricas, possibilitando compreender como os conceitos fundamentais da Linguística Textual foram sendo reformulados ao longo de seu desenvolvimento e como se articulam na explicação dos processos de produção, circulação e interpretação dos textos.

No tratamento das relações intertextuais, a investigação articula as contribuições do dialogismo bakhtiniano, da teoria da transtextualidade proposta por Genette e da distinção entre intertextualidades estritas e amplas desenvolvida por Carvalho (2018). A integração desses referenciais possibilita compreender a intertextualidade como um fenômeno constitutivo da textualidade, evidenciando que os sentidos são produzidos tanto pelas relações explícitas entre textos quanto pelas conexões estabelecidas a partir da memória discursiva e dos conhecimentos socioculturais compartilhados pelos interlocutores.

A abordagem qualitativa adotada privilegia a interpretação crítica das formulações teóricas, considerando que a compreensão do texto demanda a articulação entre dimensões linguísticas, cognitivas, discursivas e socioculturais. Nessa perspectiva, o estudo busca não apenas sistematizar conceitos consolidados pela literatura, mas também evidenciar suas interfaces,

seus pontos de convergência e suas contribuições para a compreensão do texto como prática social e interacional.

Por fim, a organização da discussão fundamenta-se em uma perspectiva analítica e comparativa, na qual autores clássicos e contemporâneos são colocados em diálogo com o propósito de oferecer uma visão integrada da Linguística Textual. Essa opção metodológica favorece a compreensão da evolução do campo e fornece bases teóricas consistentes para investigações voltadas à análise de diferentes gêneros discursivos, especialmente aqueles caracterizados pela multimodalidade e pela intensa circulação de discursos na sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão teórica desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a Linguística Textual consolidou-se como um dos mais importantes campos de investigação da linguagem ao compreender o texto como um fenômeno simultaneamente linguístico, cognitivo, social e interacional. Ao deslocar o foco da frase para o texto e de suas propriedades estruturais para os processos de produção e construção dos sentidos, esse campo ampliou significativamente as possibilidades de análise das práticas discursivas contemporâneas.

A articulação entre as contribuições de Beaugrande e Dressler, Koch, Elias, Cavalcante, Bakhtin, Genette, Carvalho e dos estudiosos das perspectivas alemãs demonstra que a textualidade não pode ser compreendida apenas por seus mecanismos linguísticos internos, mas também pelas relações que os textos estabelecem com outros discursos, com seus contextos de produção e com os conhecimentos socioculturais compartilhados pelos interlocutores. Nesse cenário, conceitos como coesão, coerência, dialogismo, gêneros discursivos, transtextualidade e intertextualidade revelam-se categorias complementares para compreender a complexidade dos processos interpretativos.

Especialmente relevante mostra-se a distinção entre intertextualidades estritas e amplas proposta por Carvalho (2018), uma vez que amplia a compreensão das relações intertextuais ao contemplar tanto referências explicitamente identificáveis quanto evocações construídas a partir da memória discursiva e dos repertórios culturais dos leitores. Essa perspectiva dialoga de maneira consistente com a teoria da transtextualidade de Genette e com a concepção bakhtiniana do dialogismo, reforçando a natureza dinâmica e relacional dos textos.

Conclui-se, portanto, que a Linguística Textual oferece um referencial teórico robusto para a análise dos mais diversos gêneros discursivos, particularmente aqueles caracterizados pela multimodalidade e pela intensa circulação de discursos na contemporaneidade. Ao integrar diferentes perspectivas teóricas, o campo reafirma seu caráter interdisciplinar e amplia as possibilidades de investigação sobre a construção dos sentidos, contribuindo tanto para o desenvolvimento dos estudos linguísticos quanto para práticas de leitura e interpretação cada vez mais críticas e contextualizadas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BLÜHDORN, Hardarik. In: CASTILHO, Ataliba (org.). **Linguística Textual: perspectivas alemãs**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARVALHO, Ana Paula. **Intertextualidades estritas e amplas: definição, categorias e propostas de análise**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CAVALCANTE, Mônica; KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Linguística textual: conceitos e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2022.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Trad. Célia Euvaldo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. (Original de 1982)
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. Maria Antonieta de Sousa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- HITCH, Bryan; MILLAR, Mark; CURRY, Paul. **Os Supremos – Volume 1**. Trad. Marcelo Del Greco. São Paulo: Panini Comics, 2014. (Publicação original: The Ultimates, vol. 1, 2002–2004).
- HITCH, Bryan; MILLAR, Mark; CURRY, Paul. **Os Supremos – Volume 2**. Trad. Levi Trindade. São Paulo: Panini Comics, 2015. (Publicação original: The Ultimates 2, 2004–2007).
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 24. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **O texto na Linguística Textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 16.

ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA-NETO, Vidal; CARVALHO, Ana Paula. **Sobre as intertextualidades em ambientes digitais**. *Práxis & Linguagem*, v. 16, n. 5, 2020.

SANDIG, Barbara. **Textualidade e ação verbal**. In: CASTILHO, Ataliba (org.). *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHNOTZ, Wolfgang; MOLITOR-LÜBBERT, Friedrich. **Modelos mentais e compreensão textual**. In: CASTILHO, Ataliba (org.). *Linguística Textual: perspectivas alemãs*. São Paulo: Cortez, 2003.

BROUGHT TO LIGHT E THE DEPARTMENT OF TRUTH: PONTOS DE CONSPIRAÇÕES

Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA)

suellen@unifesspa.edu.br

Resumo: Nesta comunicação propõe-se discutir em paralelo a obra *Brought to Light* que é uma *graphic novel* criada por Alan Moore em colaboração com o escritor Bill Sienkiewicz e a obra *The Department of Truth* é uma série de quadrinhos publicada pela Image Comics, escrita por James Tynion IV com arte de Martin Simmonds. Publicada em 1988, a obra aborda temas como corrupção e abuso de poder, explorando a relação entre governos e operações secretas. Ela é dividida em duas partes: *Shadowplay: The Secret Team* escrita por Alan Moore e *Flashpoint: The La Penca Bombing* escrita por Joyce Brabner. A outra série estreou em setembro de 2020 e rapidamente se tornou popular por sua abordagem única aos temas de conspirações e realidades alternativas. As obras se aproximam por tratarem de acontecimentos históricos e de direitos humanos. Nosso estudo baseia-se em trabalhos acadêmicos sobre quadrinhos, como “O sistema dos quadrinhos”, de Thierry Groensteen, “Estrutura Narrativa nos Quadrinhos”, de Barbara Postema, e “A Linguagem dos Quadrinhos”, de Daniele Barbieri, entre outros. As histórias em quadrinhos apresentam aspectos que tratam de conspirações, abuso e manipulação de poder e operações secretas.

Palavras-chave: *Brought to Light*, *The Department of Truth*, Conspirações.

Introdução

Brought to Light e *The Department of Truth* abordam a interseção entre governo, conspiração e a manipulação da realidade. Enquanto *Brought to Light* utiliza uma narrativa mais histórica e crítica sobre operações secretas, destacando corrupção e moralidade, *The Department of Truth* foca na ideia de que as crenças populares podem moldar a realidade, com um enredo que mistura elementos sobrenaturais e *thriller*. Ambas provocam questionamentos sobre a verdade e a responsabilidade dos governos, mas se diferenciam em estilo e abordagem temática. Essa dualidade oferece uma rica reflexão sobre como as narrativas de conspiração permeiam a sociedade contemporânea.

As histórias em quadrinhos têm se destacado como um meio poderoso para explorar temas complexos como conspirações, abuso de poder e operações

secretas. Obras como *Brought to Light*, de Alan Moore e Bill Sienkiewicz, e *The Department of Truth*, de James Tynion IV e Martin Simmonds, ilustram esses conceitos de maneiras distintas, mas igualmente impactantes.

Brought to Light é uma *graphic novel* que mergulha nas sombras da corrupção governamental e nos mecanismos ocultos que moldam a sociedade. A narrativa, dividida em duas partes, examina eventos históricos e revela como operações secretas podem influenciar o público e desvirtuar a verdade. Ao abordar questões de moralidade, a obra convida os leitores a refletirem sobre a legitimidade das ações governamentais e as consequências de manter verdades ocultas.

Por outro lado, *The Department of Truth* aborda a premissa de que a crença coletiva pode transformar teorias da conspiração em realidades tangíveis. Através da jornada de Cole Turner, um agente do FBI que é recrutado por uma agência secreta, a série investiga o impacto das crenças populares e a manipulação que pode surgir a partir delas. A narrativa não apenas explora a natureza das teorias da conspiração, mas também revela como o governo pode ser uma força tanto de proteção quanto de controle.

Ambas as obras fazem uso de elementos visuais e narrativos para enriquecer suas críticas sociais. A arte de Sienkiewicz e Simmonds complementa as tramas, criando atmosferas que amplificam a sensação de paranoia e incerteza. As histórias em quadrinhos, ao misturarem ficção e realidade, tornam-se um reflexo das preocupações contemporâneas sobre a verdade e a desinformação.

Brought to Light e *The Department of Truth* são mais do que simples entretenimento. Elas servem como veículos de crítica social, incentivando os leitores a declives nas complexidades do poder e a questionar as narrativas que moldam suas percepções do mundo. Essas obras destacam a relevância das histórias em quadrinhos na discussão de temas que desafiam a ética e a moralidade em um contexto contemporâneo, fazendo delas uma leitura essencial para quem busca compreender as intrincadas relações entre governo e sociedade.

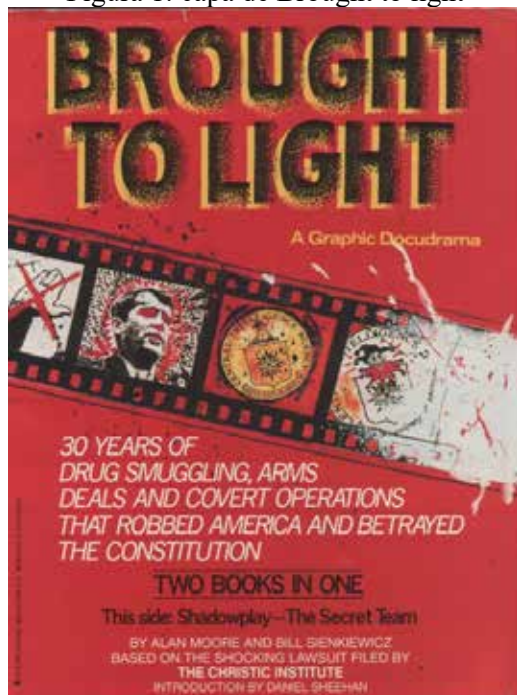
1. ***BROUGHT TO LIGHT: UM LADO SECRETO DOS QUADRINHOS***

O autor de *Brought to Light*, Alan Moore é um aclamado escritor britânico, considerado um dos mais influentes criadores de histórias em quadrinhos da história. Nascido em 18 de novembro de 1953, em Northampton, Inglaterra, ele se destaca por suas narrativas ricas, complexas e

frequentemente provocadoras. Moore transformou o universo dos quadrinhos ao integrar temas políticos, filosóficos e psicológicos, sempre com uma abordagem inovadora e sofisticada. Já o Bill Sienkiewicz é um renomado artista e ilustrador americano, conhecido por seu estilo inovador e expressivo que revolucionou o mundo dos quadrinhos. Nascido em 3 de maio de 1958, em Blakely, Pensilvânia, Sienkiewicz começou sua carreira na década de 1970 e rapidamente se destacou por mesclar elementos de pintura, colagem e técnicas abstratas em suas ilustrações.

A primeira história, intitulada *Shadowplay: The Secret Team*, é escrita por Alan Moore e apresenta um narrador anônimo, uma espécie de “representante” da CIA, que discute abertamente as ações clandestinas da agência em diferentes partes do mundo. A narrativa usa um tom sarcástico e cínico, mostrando como essas operações resultaram em violência, golpes e outras atrocidades. escrita por Alan Moore e ilustrada por Bill Sienkiewicz, é a primeira parte da *graphic novel Brought to Light*. A história *Brought to Light* oferece uma crítica incisiva às operações secretas da CIA e seu impacto global, retratando as ações clandestinas dos Estados Unidos de maneira brutal e sarcástica.

Figura 1: capa de Brought to light



Na trama, um narrador anônimo, que simboliza a própria CIA, assume a forma de um “tio” corpulento e cínico, bebendo e contando histórias grotescas de violência e corrupção. Ele detalha, de maneira quase casual, as intervenções políticas, golpes de estado, assassinatos e tráfico de drogas, ações que a CIA supostamente realizou em nome da segurança nacional.

A narrativa é estruturada como um monólogo no qual o narrador revela os segredos mais sombrios da agência, cobrindo décadas de operações que resultaram em caos, morte e sofrimento para várias nações. O tom irônico e sombrio de Moore, combinado com a arte visceral de Sienkiewicz, cria uma atmosfera de denúncia e desconforto, forçando o leitor a confrontar a realidade das políticas intervencionistas dos Estados Unidos.

A história é uma exploração dos abusos de poder e uma crítica feroz ao imperialismo e à hipocrisia da política externa dos EUA, utilizando uma abordagem visual e narrativa que se alinha à arte gráfica experimental e ao comentário social. A segunda história, *Flashpoint: The La Penca Bombing*, escrita por Joyce Brabner, relata um atentado à bomba ocorrido na Nicarágua durante uma conferência de imprensa em 1984, visando expor as consequências das políticas intervencionistas dos EUA na América Central.

Flashpoint: The La Penca Bombing é a segunda história da *graphic novel Brought to Light*, escrita por Joyce Brabner. Ela se concentra em um atentado real ocorrido em 1984 durante uma coletiva de imprensa na Nicarágua, em que jornalistas e guerrilheiros foram vítimas de uma bomba. A história é narrada de uma perspectiva documental e jornalística, investigando as circunstâncias do ataque e sugerindo a participação de forças ocultas nos acontecimentos. A obra destaca o envolvimento dos EUA e de outras potências em operações secretas na América Central, expondo o impacto devastador dessas políticas intervencionistas em pessoas inocentes.

A *graphic novel* se destaca por seu estilo documental e por seu objetivo de revelar fatos suprimidos da história recente, dando uma visão crítica sobre o papel das operações secretas norte-americanas no cenário global. A análise visual de *Brought to Light* se concentra no estilo artístico e na forma como a narrativa gráfica complementa os temas políticos e sombrios da obra. As ilustrações são feitas por Bill Sienkiewicz, um artista conhecido por seu estilo experimental e expressivo, que é uma característica marcante da *graphic novel*.

O estilo de Sienkiewicz é muitas vezes distorcido, com formas que se desfazem, traços bruscos e um uso agressivo de cores e texturas. Isso intensifica a sensação de caos e violência associada às operações secretas retratadas no quadrinho. O expressionismo visual ajuda a criar uma atmosfera

de desconforto e tensão, refletindo os horrores ocultos das intervenções governamentais que a história expõe.

Algumas imagens parecem utilizar elementos de colagem, o que reforça a sensação de que a realidade está fragmentada ou manipulada. Isso pode simbolizar a natureza encoberta e manipuladora das operações secretas e dos relatos da CIA. As figuras humanas e os cenários frequentemente parecem sobrepostos ou deformados, sugerindo a desumanização das vítimas das operações secretas e o colapso de fronteiras entre verdade e mentira.

As composições das páginas são muitas vezes caóticas, com painéis de tamanhos e formas irregulares, quebrando o *layout* tradicional das histórias em quadrinhos. Esse caos na estrutura visual espelha a complexidade e o desgoverno das ações secretas narradas. A disposição dos elementos nas páginas pode, em certos momentos, parecer confusa, mas isso contribui para criar uma experiência mais visceral e impactante para o leitor.

A paleta de cores predominantemente escura, com uso frequente de tons pesados de azul, cinza, marrom e preto, reforça o tom sombrio da narrativa. As cores refletem a gravidade das ações secretas e suas consequências trágicas. As explosões de cor, como vermelho e amarelo, são usadas para destacar momentos de violência ou impacto emocional.

Em *Shadowplay: The Secret Team*, o personagem narrador, que representa a CIA, é retratado como uma figura caricatural grotesca, com uma aparência exageradamente deformada. Isso enfatiza a monstruosidade de suas ações e a desconexão com a moralidade. Outros personagens frequentemente aparecem desfigurados ou estilizados, o que reforça a ideia de que o quadrinho não está apenas contando eventos históricos, mas os filtrando através de uma lente de crítica social e política.

A interação entre o texto e as imagens é crucial. Em muitas páginas, o monólogo interno ou diálogos são sobrepostos a cenas de destruição, dor e morte, criando uma justaposição irônica e poderosa. Essa interação sublinha a frieza e a racionalização das atrocidades cometidas em nome da segurança nacional.

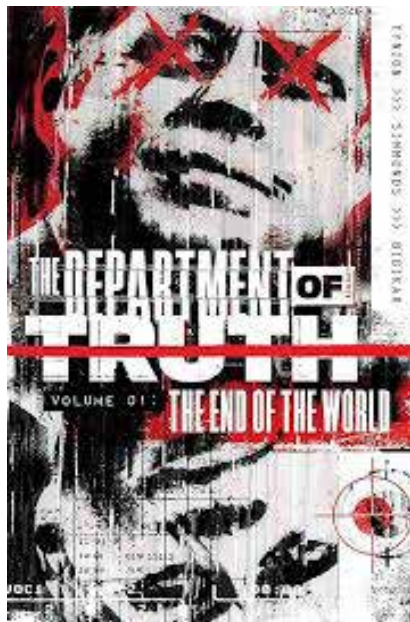
O estilo visual de *Brought to Light* é um componente essencial para transmitir o horror e a complexidade moral dos eventos retratados. As imagens criam um impacto visceral que complementa a crítica política presente no texto, tornando a *graphic novel* uma obra tanto estética quanto ideologicamente provocativa.

2. *THE DEPARTMENT OF TRUTH: UMA CONSPIRAÇÃO SOMBRIA*

A obra é uma série de quadrinhos de horror e conspiração criada por James Tynion IV e publicada pela *Image Comics* em 2020. James Tynion IV é um escritor norte-americano amplamente conhecido por seu trabalho em histórias em quadrinhos, especialmente no gênero de horror e super-heróis. Nascido em 14 de dezembro de 1987, ele começou sua carreira na DC Comics, onde foi apadrinhado pelo renomado roteirista Scott Snyder. Desde então, Tynion tem se destacado como um dos roteiristas mais criativos e prolíficos da atualidade, ganhando prêmios e elogios por sua habilidade de criar narrativas envolventes e emocionalmente complexas.

A trama explora uma realidade onde teorias da conspiração podem se tornar verdadeiras se um número suficiente de pessoas acreditar nelas. O protagonista, Cole Turner, é um agente recrutado para trabalhar no *Department of Truth* ou Departamento da Verdade, uma agência governamental secreta que tem como missão conter essas crenças antes que elas reescrevam a realidade.

Figura 2: Capa do Volume 1 *The department of truth*



Ao longo da série, Turner descobre que algumas das maiores conspirações da história moderna, como o assassinato de JFK e a ideia de que a Terra é plana, são manipuladas por forças sombrias e entidades poderosas. A série mistura política, desinformação e temas como *fake news*, criando um cenário de horror psicológico e paranóia, onde a linha entre o que é real e o que é acreditado se torna cada vez mais turva.

Com um estilo visual surreal e perturbador, que complementa a trama, *The Department of Truth* levanta questões sobre o poder da crença e as consequências de um mundo onde a verdade é maleável.

A análise visual de *The Department of Truth* revela um estilo que complementa perfeitamente a temática conspiratória e o horror psicológico da série. A arte, em grande parte criada por Martin Simmonds, é marcada por um visual surrealista, abstrato e frequentemente perturbador, que reflete a incerteza e a fluidez da própria realidade dentro da narrativa.

A paleta de cores é dominada por tons sombrios, como preto, vermelho, branco e cinza, que reforçam a atmosfera de paranoia, medo e perigo iminente. O uso de vermelho, em especial, aparece de forma recorrente para evocar violência, urgência e a manipulação da verdade. O contraste entre tons escuros e o uso ocasional de cores vibrantes cria uma tensão visual, sublinhando a ideia de que a realidade está constantemente em mutação.

O estilo de Simmonds é expressivamente sujo, com texturas granulosas e pinceladas soltas, que parecem fragmentar as imagens. Isso sugere que a própria realidade está se desfazendo ou sendo constantemente reconstruída. Há um uso frequente de rostos desfocados, borrados ou distorcidos, que simbolizam o desvanecimento da verdade objetiva e a natureza ilusória das conspirações. A identidade das figuras é fluida, o que reforça o tema de que a percepção pode ser manipulada.

O *layout* das páginas é frequentemente caótico e irregular, com quadros que se sobrepõem, mudam de forma ou se fragmentam, imitando a ideia de que a realidade, dentro da história, está constantemente em risco de desmoronar. O uso do espaço em branco e o desequilíbrio entre os quadros criam uma sensação de desconforto e desorientação, convidando o leitor a questionar o que está realmente acontecendo.

O letramento é estilisticamente variado, muitas vezes distorcido ou estilizado para se adaptar à arte, refletindo as vozes inconstantes e manipuladoras da narrativa. Em algumas partes, o texto parece se fundir com a arte, como se as palavras fossem uma extensão da atmosfera conspiratória.

Simmonds usa elementos de colagem, integrando imagens da cultura pop e referências históricas. Isso reforça a sensação de uma realidade construída

a partir de fragmentos de diferentes narrativas, um reflexo das várias teorias da conspiração que a história explora. As colagens de recortes de jornais e outras fontes históricas reais se mesclam com a arte, criando uma sobreposição entre ficção e fatos históricos que espelha a trama do quadrinho.

O visual de *The Department of Truth* não apenas reforça o tema central da manipulação da verdade, mas também cria uma experiência imersiva onde o leitor é constantemente levado a questionar a própria percepção. A arte, ao distorcer o familiar e jogar com as convenções visuais do gênero, aumenta a sensação de desconforto e paranoia. Cada página é um reflexo visual do conflito entre realidade e conspiração, levando o leitor a uma jornada que é tanto visual quanto psicológica.

3. PONTOS DE CONTATO CONSPIRATÓRIOS

Ambas as obras abordam conspirações, mas *Brought to Light* é uma denúncia direta de eventos históricos reais, enquanto *The Department of Truth* explora um conceito mais metafísico e especulativo, onde crenças moldam a realidade. Sienkiewicz em *Brought to Light* usa um estilo mais agressivo e abstrato, enquanto Simmonds em *The Department of Truth* utiliza uma abordagem atmosférica e expressionista, mas mais voltada para a criação de suspense e mistério. Isso, interligado entre as obras, Knight examina em seu livro *Conspiracy Culture: From Kennedy to the X-File* (2000) relação entre paranoia e identidade nacional, discutindo como as conspirações refletem e amplificam preocupações sociais e políticas. Ele investiga a forma como esses discursos emergem, são disseminados e se tornam parte da imaginação coletiva, abordando também o papel da mídia e da literatura no fortalecimento dessas ideias.

Essas relações de conspirações dos quadrinhos podem ser estudadas por uma abordagem de Thierry Groensteen, em “O Sistema dos Quadrinhos” (2015), que apresenta um estudo dos quadrinhos pelo viés da semiótica e estruturalista para compreender os quadrinhos como um meio narrativo de modo a inserir a “solidariedade icônica” para explicar como os elementos visuais e narrativos interagem de forma não-linear. Groensteen argumenta que os quadrinhos transcendem a sequência linear, funcionando como um sistema em que os significados emergem das relações entre quadros e páginas.

Nesse sentido, Daniele Barbieri em “A Linguagem dos Quadrinhos” (2004) oferece uma análise teórica sobre os quadrinhos enquanto forma

de comunicação. Ele busca compreender como os quadrinhos combinam elementos visuais e verbais para transmitir significado, explorando conceitos como a relação entre texto e imagem, os mecanismos de leitura sequencial e as particularidades estilísticas e narrativas desse meio.

Nota-se que Barbieri propõe uma abordagem semiótica para descrever as características únicas dos quadrinhos, destacando sua complexidade como linguagem híbrida. O livro é voltado tanto para estudiosos quanto para entusiastas, oferecendo ferramentas para interpretar e estudar quadrinhos de forma crítica. Postema (2013) entende que o papel central do leitor na construção do significado, refletindo sobre como os quadrinhos combinam elementos fragmentados para formar narrativas coesas.

Nesse assunto de conspiração nos quadrinhos vale ressaltar a importância do livro *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* que reúne uma série de palestras ministradas por Umberto Eco na Universidade de Harvard em 1992, abordando os mecanismos da ficção literária e como os leitores se envolvem com narrativas. Eco utiliza a metáfora do “bosque” para representar o universo ficcional, no qual o leitor caminha, explorando sentidos e criando interpretações. Assim, considera-se as duas narrativas em quadrinhos como casos serem desvendados como o “bosque” de Umberto Eco. O “bosque” é o livro em questão. O leitor visita o livro como se fosse esse bosque rodeado de pontos assustadores e convidativos.

A partir dessas formas de reflexões teóricas considera-se que *Brought to Light* é uma obra mais documental e direta em seu ativismo político, enquanto *The Department of Truth* mistura ficção e reflexão filosófica sobre a natureza da verdade e das narrativas políticas. Dessa forma, acabamos nos perdendo no bosque de *Brought to Light* que está firmemente enraizado nas políticas externas dos EUA durante a Guerra Fria e os crimes da CIA, enquanto *The Department of Truth* lida com a era moderna das *fake news* e das teorias da conspiração virais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brought to Light e *The Department of Truth* oferece perspectivas distintas sobre conspirações, utilizando estilos artísticos e abordagens narrativas que refletem suas respectivas intenções. Enquanto *Brought to Light* se apoia em eventos históricos reais e uma denúncia direta, seu objetivo é claramente político e documental, expondo ações da CIA durante a Guerra Fria. A arte de Bill Sienkiewicz, com seu estilo agressivo e abstrato, reforça o impacto emocional e a urgência da denúncia. Já *The Department of Truth*

opta por explorar conspirações de maneira especulativa, focando em como as crenças moldam a realidade e abordando temas contemporâneos, como fake news e teorias conspiratórias virais. A arte de Martin Simmonds, com sua atmosfera sombria e expressionista, cria um senso de mistério que amplifica a complexidade filosófica da obra.

A conexão com Umberto Eco em *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* adiciona uma dimensão interpretativa valiosa. Eco propõe que o leitor é um explorador no “bosque” da narrativa, desvendando sentidos e construindo interpretações. Aplicando essa ideia às obras analisadas, configuram-se como “bosques” que desafiam o leitor a navegar entre o real e o irreal, entre o fato histórico e a especulação metafísica.

As duas obras se complementam em suas reflexões sobre conspirações: enquanto *Brought to Light* revela a opacidade de sistemas de poder no passado, *The Department of Truth* questiona como as verdades são construídas e manipuladas. Unidas, ambas exploram as relações entre narrativa, poder e crença, destacando o papel essencial do leitor como intérprete crítico diante de uma realidade cada vez mais complexa.

Referências

- MOORE, Alan; SIENKIEWICZ, Bill. **Brought to Light**. Eclipse Comics, 1989.
- TYNION IV, James; SIMMONDS, Martin. **The Department of Truth**. Image Comics, 2020 – presente.
- GROENSTEEN, Thierry. **The System of Comics**. University Press of Mississippi, 2007.
- GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. São Paulo: Marsupial Editora, 2015.
- POSTEMA, Barbara. **Narrative Structure in Comics: Making Sense of Fragments**. RIT Press, 2013.
- BARBIERI, Daniele. **A Linguagem dos Quadrinhos**. Martins Fontes, 2004.
- KNIGHT, Peter. **Conspiracy Culture: From Kennedy to the X-Files**. Routledge, 2000.
- ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. Companhia das Letras, 1994.

ADRINHOS QUEER PARA REVOLUCIONAR O GÊNERO: DESCOBRINDO CAMINHOS POR INTERMÉDIO DA FILOSOFIA DO MAMILO, DE Kael VITORELO

Marina Duarte Ferreira Maidana (UEMS)
marduarte@gmail.com

RESUMO

Objetivando investigar a construção e a representação de identidades Queer em narrativas gráficas e o potencial por trás destas, o presente artigo propõe a análise do quadrinho “Filosofia do Mamilo”, de Kael Vitorelo. A metodologia adotada é qualitativa e de métodos mistos, fundamentada na semiótica francesa (Barthes e GROUPE μ), na interação entre o dialogismo de Bakhtin e as teorias de Gênero de Judith Butler, aplicada através de análises de conteúdo estruturais e temáticas. Os resultados indicam que o sincretismo verbo-visual e a natureza fragmentada dos quadrinhos permitem a materialização visual e representativa de vivências invisibilizadas, bem como a humanização de sujeitos marginalizados por meio da autografia. As Histórias em Quadrinhos Queer, com isso, funcionam como um método expandido de testemunho e uma potente ferramenta de resistência política, capaz de romper o monologismo das normas cis-heteronormativas e assegurar a participação ativa de subjetividades Queer na historiografia e na construção da memória coletiva.

Palavras-chave: Histórias Quadrinhos, Queer, Não binariedade, Gênero, Semiótica.

INTRODUÇÃO

Tão comuns no imaginário popular enquanto pontes do mundo real com a fantasia, as Histórias em Quadrinhos (HQs) também são suporte para gêneros que narram não somente o fantástico, mas a realidade. As HQs possuem um vasto potencial de ressignificação e construção histórica e sociológica, funcionando como ferramentas que registram a realidade, mas também a transformam ao conferir visibilidade a identidades e memórias as quais os

discursos oficiais costumam apagar, como apontado por Cagnin (1975), Marino (2024) e Miorando (2019). Um bom exemplo das possibilidades oferecidas pela linguagem é a complementaridade trazida pela união dos códigos icônico e textual, fenômeno que enriquece a percepção da realidade, tornando os quadrinhos uma forma interessante de expressão artística, mas também ferramenta pedagógica, jornalística e de divulgação científica.

Essa configuração da complementaridade também possibilita a exploração e aprofundamento das narrativas, oferecendo suporte visual adequado para temas invisibilizados ou sem representação própria, como exemplo das narrativas Queer. Como representar o que “não deve” ser representado? As histórias Queer, por muito tempo, foram negligenciadas, proteladas ou apagadas pelos contextos dos tempos, resumidas a poucas palavras, sem descrições exatas ou escondidas nas entrelinhas. Nesse caso, a arte sequencial oferece um suporte privilegiado e aprofundado para essas narrativas, devido à sua natureza híbrida, ao seu histórico de marginalização e às suas propriedades formais únicas que permitem visibilizar, no imaginário hetero e cis centrado, uma outra possibilidade de ser, sem as amarras do moralismo e da normatividade.

Embora a cena de quadrinhos brasileira sempre tenha contado com pessoas Queer e mulheres na produção artística, mesmo que com visibilidade limitada, a publicação de narrativas que contam com essas temáticas têm crescido nos últimos anos, principalmente com os adventos digitais e na continuidade da cultura do fanzinato¹ entre autores independentes (Marino, 2024). Não existe um gênero de quadrinhos Queer, mas sim um movimento consolidado de quadrinistas que abordam ou exploram temáticas de gênero e sexualidade em suas obras. Sejam quadrinhos que questionam os padrões de gênero tradicionais em biografias ou autobiografias, em reportagens em quadrinhos, ou mesmo em gêneros populares como romances contemporâneos ou fantasias, as experiências e vivências LGBTQIAPN+ já ocupam um espaço e público cada vez mais evidenciado e crescente dentro do cenário das Histórias em Quadrinhos brasileiras. Incontestável e paralelamente a esse fenômeno, as concepções, discussões, normas legais e discursos acerca do gênero, identidade e sexualidade tem sofrido uma mudança nos últimos tempos (Maidana, Miorando e Santos, 2026).

A matriz de normas de gênero (Butler, 2018), que decide quais identidades podem existir, é um sistema monológico que tenta coisificar (ou reificar) os sujeitos (Bakhtin, 1997), negando-lhes o estatuto de vozes

1 - Fanzinato remete à cultura dos fanzines: publicações independentes e manufaturadas, livre de cerceamentos comerciais (ANDRAUS, 2019).

autônomas. A existência de narrativas que rompem com esse monologismo², ao introduzir a experiência Queer, “força” a norma a entrar em diálogo com uma alteridade que ela tentava silenciar. Dentro dessa perspectiva, os quadrinhos Queer apresentam a quebra das normas de gênero de uma forma artística, oferecendo o que Bakhtin (1997) chama de exotopia para dar acabamento à identidades que a sociedade subalterniza, ou, como definido por, Butler (2019), às “vidas precárias”. Seguindo por esse caminho, outros autores, como Miorando (2019) e Brito (2021), já trabalharam com a premissa de que as Histórias em Quadrinhos Queer criam pontos de contato e intersecção para leitores que buscam entender o que significa pertencer a essa comunidade, ajudando a formar e reforçar noções de identidade através de experiências corporificadas e memórias que somente o texto não consegue transmitir da mesma forma. A linguagem dos quadrinhos imita o procedimento da memória através da fragmentação e do arranjo de objetos no espaço, permitindo que o olhar sobre vidas precárias sejam ressignificadas através dessas narrativas (Miorando, 2019).

Obras internacionais como “A Origem do Mundo”, de Liv Strömquist; “Fun Home”, de Alison Bechdel e “Nimona”, de Noel Stevenson são exemplos distintos de Quadrinhos que abordam temáticas de gênero e sexualidade de forma reflexiva e desconstruindo noções do status quo do gênero, seja através de narrativa (respectivamente) documental, autobiográfica ou fantástica. O interessante é que, cada quadrinho à sua forma, permite a remodelagem do imaginário geral de como é a experiência Queer em sua essência e intimidade, através do repertório dos próprios autores ou das suas personagens. Não somente à nível internacional esse tipo de proposta ganha peso, pois, a cada ano, surgem mais projetos editoriais ou independentes no Brasil que apresentam tais características.

Em “Filosofia do Mamilo”, por exemplo, o quadrinista não-binário Kael Vitorelo, abre seu íntimo para o público, explorando o processo de reflexão acerca de sua identidade e a luta judicial pelo seu direito à mastectomia. O processo do relato de si (Miorando, 2019) tem um caráter exotópico que possibilita enxergar além das normas de gênero impostas, apresentando a experiência da transsexualidade não-binária para o público geral com uma sensibilidade que transforma e afasta conceitos normativos transfóbicos.

2 - Ainda segundo Bakhtin (1997), o conceito de monologismo diz respeito a um discurso dominante, que subalterniza os discursos dissidentes. Nesse sentido, a intersecção entre os conceitos filosóficos de Bakhtin e Butler sobre as ferramentas discursivas de pode ser pontuada, já que se comunicam e apresentam definições correspondentes: a norma cis-heterossexual dialoga com o monologismo discursivo.

Definida pelo próprio autor como uma “HQ sobre a semiótica de gênero e as violências institucionais às quais pessoas trans não-binários estão sujeitas” (Vitorelo, 2024), o quadrinho é um verdadeiro instrumento metalinguístico que propõe uma reflexão sobre símbolos, signos e normas sociais que tangenciam os conceitos de gênero.

Neste trabalho, apontarei como quadrinhos Queer podem ser peças fundamentais para ressignificação tanto do gênero como norma social, quanto dos gêneros de Histórias em Quadrinhos nos quais a perspectiva Queer, quando trazida, têm o potencial de enriquecimento ao garantir uma obra que quebra com os discursos normativos vigentes. Para tal, utilizarei das Teorias Queer e Estudos de Gênero (Butler, 2018 e 2019); dos Estudos de Linguagem de Bakhtin (1997), GROUPE μ (1993) e Barthes (2006); bem como análises e estudos de/sobre Quadrinhos desenvolvidas por autores como Miorando (2019), Marino (2024), Brito (2025) e Cagnin (1967).

1. TENSÕES NA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

1.1. A Linguagem e a Metalinguagem das HQs

As HQs operam como uma linguagem sincrética, na qual a união entre o texto e a imagem, segundo Cagnin (1975), se traduz num sistema complexo e completo: o elemento textual lida com conceitos universais, enquanto o icônico traz a riqueza do real e do simulacro físico. Essa linguagem apresenta configurações que possibilitam tanto a redução do Quadrinho à *unidade de sintagma narrativo*, quanto a existência de narrativas complexas possibilitadas por seus diferentes “graus de quadrinização” (ou seja, níveis diferentes de presença/carga de texto e imagem ao longo de um Quadrinho) e a construção de significados e significantes diferentes através de elementos narrativos (tanto textuais, quanto visuais) como ritmo, ordem, sequência, tempo.

Todas as construções de sentido narrativo em uma HQ são construídas na relação texto-imagem. O texto pode exercer uma função de ancoragem (Cagnin, 1975), combatendo a polissemia da imagem e fixando o significado de uma cena que, sozinha, poderia ser incerta e que, mesmo com a predominância de um sobre o outro (do texto sobre a imagem ou vice-versa), se mantém (a fixação de sentido). Essa configuração da linguagem, traz a compreensão dos quadrinhos como um *sistema semiótico complexo*, no qual a linguagem verbal não é apenas um acessório, mas sim um elemento

organizador e direcionador da percepção da imagem, enquanto a imagem seria um Depósito de Índice, que libera semas (unidades mínimas de sentido) conotativos no ato da leitura. Cagnin utiliza Barthes para fundamentar como o texto e a imagem interagem para produzir esses sentidos que nenhum dos dois alcançaria isoladamente, sendo, com isso, complementares. O fato é que, nas mais diversas configurações e propostas artísticas possíveis, o sistema narrativo e de sentidos possibilitados pelas Histórias em Quadrinhos têm profundidade e complexidade inversamente proporcional à fama de linguagem simples e infantil que ainda ocupa no senso comum. Dentro desse contexto, os Quadrinhos Queer representam a possibilidade do uso das qualidades linguísticas já enumeradas das HQs para propor tensões dialógicas (Bakhtin, 1997) e negociações de sentidos com os discursos cis-heteronormativos, dominantes na sociedade.

1.2. Tensão Dialógica: Exotopia, Monologismo e a Quebra da Matriz Heteronormativa através dos Quadrinhos

O discurso cis-heteronormativo atua como um sistema monológico e autoritário que tenta impor uma verdade única e absoluta acerca das identidades, tratando os corpos Queer e não-hegemônicos como “outsiders”, reduzidos a coisa (Miorando, 2019). Butler (2018) dá nome a esses fenômenos quando estabelece a matriz heterossexual: uma “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (p. 200). Essa matriz produz a aparência de que o gênero, seus papéis e normas são algum tipo de substância interna ou fato natural, quando, na realidade, o gênero é uma ficção cultural mantida por atos repetidos, normalizados e normatizados socialmente ao ponto de soarem naturais.

Ainda segundo a filósofa, identidades que rompem com a matriz, passam a ser, a partir da naturalização da correspondência com a norma enquanto lógicas, lidas como impossibilidades lógicas, tendo, com isso, sua existência negada no âmbito do socialmente inteligível. Não há, com isso, espaço no imaginário social sequer para a possibilidade de existência de identidades que rompam com as dinâmicas cis-heteronormativas. Aí a importância das publicações Queer, que apresentam esse exercício de exotopia a partir da apresentação das identidades múltiplas e suas complexidades, possibilitando um outro olhar para as constantemente negadas existências LGBTQIAPN+. A partir da união das ideias de Butler (2018 e 2019) e Bakhtin (1997), podemos classificar as normas de gênero como um tipo de palavra

sacralizada (que tem autoridade), nascida da exclusão da palavra sacralizada do outro. O filósofo definiu essa palavra como “palavra (que) foi semeada em toda parte, limitando, orientando, refreando o pensamento e a experiência viva” e, também, como “palavra exilada do diálogo” (p.205, 1997).

Como palavra sacramentada, as normas de gênero e sexualidade possuem especificidades metalinguísticas em seu comportamento, utilizando de discursos normativos que estabelecem a cis-heteronormatividade como uma forma de monologismo, reconhecendo apenas uma consciência absoluta (a norma) e negando ao outro o direito de ser uma voz autônoma. A retirada de agência das pessoas Queer é feita tanto através da negativa de suas existências nesses dispositivos discursivos de poder, quanto através do apagamento histórico sofrido por essas populações, decorrendo no que Marino (2024) classifica como “história das ausências”.

Quando os corpos Queer são ignorados ou coisificados, o discurso cis-heteronormativo os retira do lugar de sujeitos e os coloca numa posição de objeção ou abjeção (Butler, 2019), lhes é negada a possibilidade de construir suas próprias categorias e sentidos existenciais fora da norma imposta. A linguagem dos quadrinhos, aplicada para narrar histórias que relatam as experiências desses corpos rejeitados pela sociedade, promove a visibilidade de identidades historicamente marginalizadas (Marino, 2024), servindo como uma ferramenta de quebra da monologia cis-heteronormativa replicada na maioria das publicações e criando outros repertórios de identidade para compor a memória coletiva e a cultura popular.

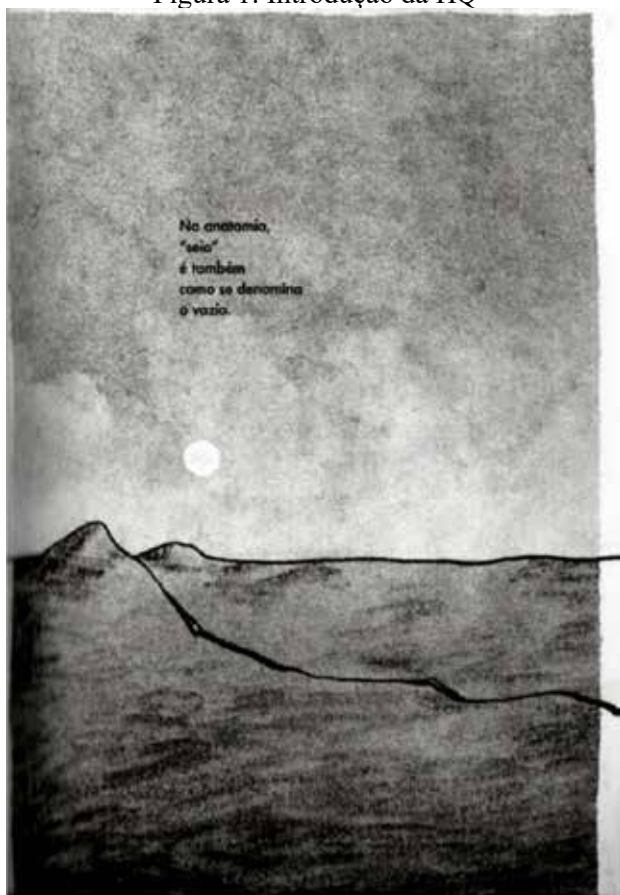
Tal aplicação se faz ainda mais interessante e transformadora quando observada pelo viés das qualidades da linguagem em quadrinho descritas anteriormente, com seu sincretismo e suas múltiplas possibilidades. O texto estabelece o sentido, mas, é o desenho que dará materialidade visual a corpos estigmatizados que a sociedade tenta tornar invisíveis (Maidana e Miorando, 2026), propondo representações do indizível através de posturas e gestos sobre esse mesmo corpo que revelam culturas de vergonha ou trauma (Brito, 2025), através da experiência da pessoa autora. Daí a importância, ao se falar de quadrinhos Queer (e outros suportes narrativos que possam explorar a temática) do Relato de Si, como o quadrinho “Filosofia do Mamilo”, de Kael Vitorello, que traz representações materiais da proposta aqui trazida.

A obra foi publicada pela Veneta, editora de grande prestígio e referência no nicho dos quadrinhos e foi financiada pelo Programa de Ação Cultural do estado de São Paulo (ProAC), além disso, teve destaque como obra indicada nos maiores prêmios de Quadrinhos nacionais do ano de 2025: Troféu Angelo Agostini, HQ Mix e Prêmio Jabuti. Antes do destaque de Vitorello com Filosofia

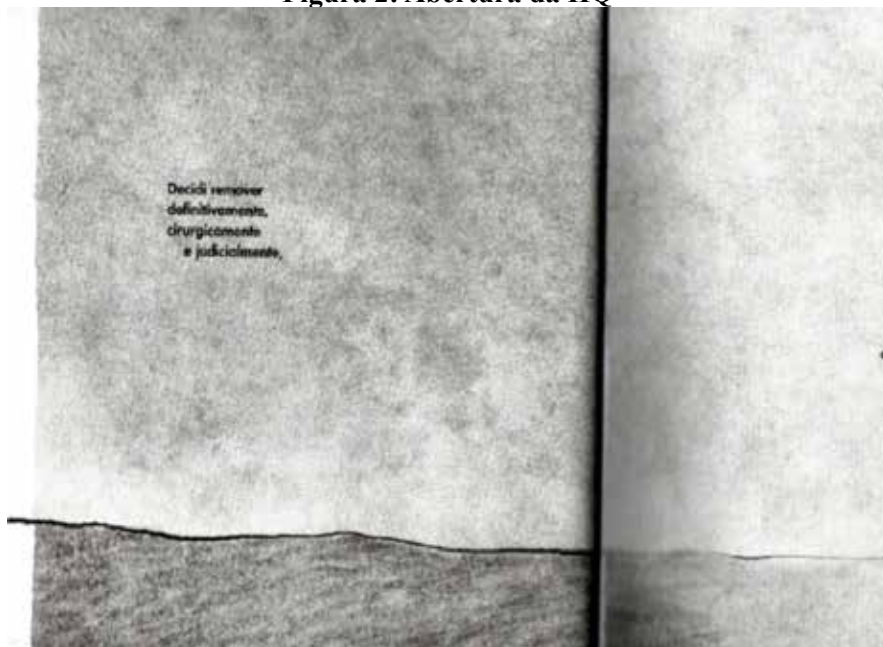
do Mamilo (que alcançou a lista de semifinalistas na categoria Histórias em Quadrinhos, criada em 2017), a única pessoa trans consagrada no Prêmio Jabuti e ligada à arte sequencial havia sido Laerte Coutinho. Ou seja, Filosofia do Mamilo pode ser considerada uma publicação que detém um marco na representatividade com agência própria, elevando uma narrativa pessoal sobre transsexualidade e não-binaridade a uma ferramenta de aprendizado, conscientização e ressignificação acerca dos critérios dogmáticos do gênero.

1.3. O Relato de Si e as dinâmicas de sentido em Filosofia do Mamilo

Figura 1: Introdução da HQ



(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 1)

Figura 2: Abertura da HQ

(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 2-3)

Já no início da obra, Vitorelo apresenta “Filosofia do Mamilo” com a profundidade semiótica que acompanha toda a obra, jogando com imagens comuns ao imaginário popular que possibilitam, desde já, uma assimilação de sentidos acerca da experiência que ali será narrada. Em três páginas, o autor entrega uma sinopse poética do que fará nas próximas 91, estabelecendo desde já para o público leitor que o quadrinho falará desse lugar e dessa perspectiva, qual a sensação de estar naquele lugar e o vazio que ela causa.

A possível complexidade presente na compreensão da dissidência da norma se desfaz quando colocam-se conceitos tão próximos a qualquer experiência humana como o vazio interno expresso no texto e a postura curvada e desconfortável da figura do personagem, ao canto da página, com uma fenda abrindo debaixo de si. Essa ressignificação do seio, não como um atributo essencial do feminino, mas como um vazio a ser removido ilustra a teoria de Butler (2018) de que o gênero não é uma substância interna, mas uma construção mantida por atos e, no caso da cirurgia, por intervenções deliberadas na carne para alinhar o corpo à identidade.

A expressividade do traço, das texturas e as propostas de layouts

fluidas, muitas vezes contando com os quadros representativos, navegando entre delimitações espaciais dos mesmos bem estabelecidas ou mais fluidas, são escolhas visuais que trazem um peso de significado. As texturas, por si só, trazem um elemento de realismo ao traço cartunesco, complementando visualmente este tipo de ilustração que não detém da mesma característica e trabalha mais com assimilações e representações menos literais. O efeito da presença intensa de texturas não é somente o de mimetizar um realismo, mas sim, na potente possibilidade de despertar também sentidos sensoriais, além de ser um canal de expressão profunda (GROUPE μ , 1993).

Figura 3: O que eu faço com essa raiva?

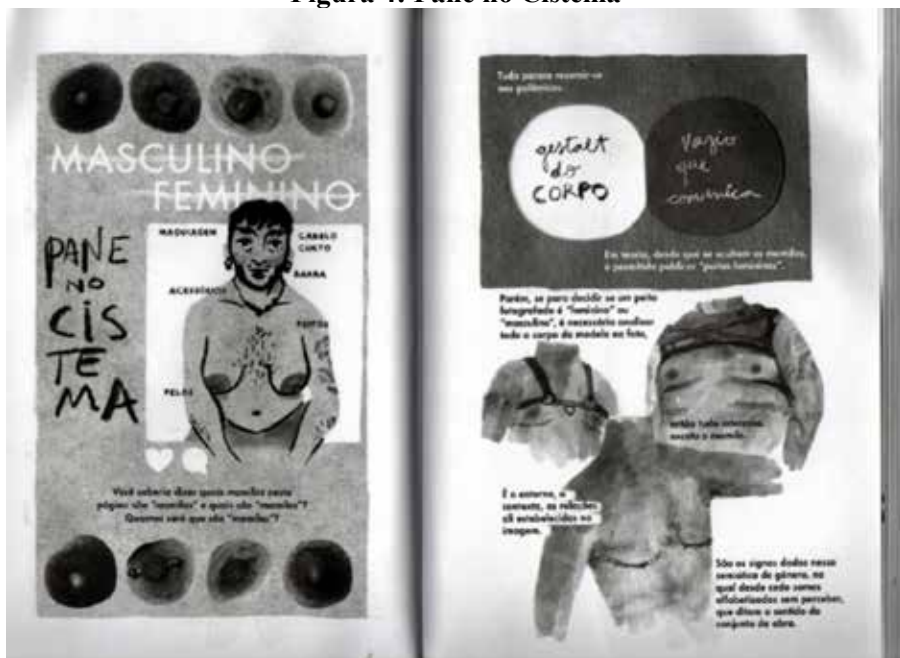


(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 22-23)

Podemos dizer, com isso, que a obra é um exercício de mergulho no inconsciente de uma pessoa trans não-binária, com aprofundamento nos sentidos e sensações que constroem e consomem esses corpos bem descritos visualmente. Através dos traços e da narrativa, o autor propõe a saída no raso e nas definições literais para o aprofundamento sensorial na realidade de quem é invisibilizado socialmente. Um bom exemplo de tal proposta é a representação do processo de auto-ódio também presente no desespero de não compreender a

si mesmo e, inclusive, na morte de outro eu presente no processo de transição é ilustrada por Vitorelo nas páginas 22 e 23 do quadrinho. Nas páginas, o personagem ilustrado, entre suas crises de identidades geradas pelas normas de gênero e a constatação de seu não-lugar em meio a elas, afoga a si mesmo e, mais uma vez, encontra o companheiro do início do livro: o vazio. Não há perspectivas de se encontrar entre as limitações que o Gênero impõe: a única saída é o mergulho em si, que também significa a morte de si em certo aspecto.

Figura 4: Pane no Cistema



(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 38-39)

Corpos trans não ocupam o imaginário popular, pois são corpos abjetos à leitura cis-heteronormativa. A partir da representação desses corpos, confrontada diretamente com reflexões acerca da semiótica de gênero, o autor tensiona a norma ao questionar quais corpos podem ocupar livremente tanto o espaço público. O moralismo em torno de parte corporal tão simples, quanto um mamilo, representa a citada “semiótica de gênero” em exercício, assim como seus pesos, medidas e a crueldade com a qual a binaridade classifica e simplifica processos muito mais complexos de identidade. O autor utiliza da representação visual para responder o questionamento de quais são os peitos

dotados de liberdade e os reprimidos pelo contexto das normas de gênero.

Nas imagens que tratam da anatomia e da “Pane no Cis-tema”, ocorre um uso magistral do que Barthes (2006) chama de ancoragem (ancrage) ou Fixação do Sentido: ao mostrar uma série de mamilos isolados, a imagem é inerentemente polissêmica (poderia ser interpretada como clínica ou erótica). É exatamente o conflito de sentidos que Vitorelo parece buscar causar na percepção do leitor, questionando quais os limites determinados a cada corpo. No entanto, o texto questionador - “Você saberia dizer quais mamilos nesta página são ‘mamários’ e quais são ‘mamilos’?”- fixa o sentido na crítica política à percepção binária do corpo, aprofundando e explicitando a crítica e o próprio sentido das imagens reunidas.

É mais uma oportunidade, dada por Vitorelo, de enxergar uma nuance particular de uma vivência trans não-binárias, refletindo acerca dos lugares já estabelecidos no imaginário popular para “masculino” e “feminino”. Essas dinâmicas atravessam todos os corpos na sociedade, mas, analisadas pela ótica de uma vivência que foge à “matriz de inteligibilidade heterossexual” (Butler, 2019).

Figura 5: As regras do jogo



(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 52)

A composição visual presente na página 52 utiliza uma grade de pequenos quadros com silhuetas humanas de uma forma que materializa o conceito de enquadramento (framing), de Butler. A imagem demonstra ilustrativamente o fenômeno no qual as existências minoritárias (podemos observar que há uma pessoa gorda, uma pessoa com um afro, idosos, PCDs, crianças) são colocadas em “caixas” regulatórias, nas quais o sujeito deve “prestar contas de si” para obter autorização para existir. As formas abaixo do tabuleiro de xadrez ainda parecem fazer alusão, ainda, ao vazio, bem como descreve em formas e texturas as “entrelinhas das regras do jogo da biopolítica”.

Figura 6: Estereótipos de Gênero



(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 60-61)

Nas páginas 60 e 61, Vitorelo mais uma vez ilustra e narra conceitos de Butler (2018 e 2019) aplicados à realidade de uma pessoa codificada, desde o nascimento, como uma mulher, bem como as incongruências do gênero inteligível socialmente com a inteligibilidade presente na experiência trans. Essa não correspondência com o que se espera socialmente acerca do exercício

dos papéis de gênero não gera somente a estigmatização e exclusão social trazida por Butler, mas o intenso sofrimento interno. Ilustrado em traços fortes que utilizam o útero e a maternidade para escancarar a não-correspondência do autor com o que é tido, dentro das normas de gênero, como feminino.

A imagem do ultrassom é apontada como uma condenação ou ameaça de ser “trans ao contrário”. Semioticamente, o bebê é figurativizado como um fantasma que tenta impor uma identidade de mãe (cis-feminina) sobre um sujeito que busca a libertação dessa categoria. A ideia de ser “trans ao contrário” refere-se à violenta imposição da matriz de inteligibilidade heterossexual descrita por Butler (2018) quanto ao destino biológico de sujeitos que são nascidos com útero. Enquanto o narrador busca a transição para afirmar sua agência, a gravidez é lida como o retorno forçado ao tal destino biológico e à vocação tidos, a partir da norma, como inerentes à fêmea humana. A maternidade, nesse contexto, não é uma reivindicação de identidade, pelo contrário: se torna uma abdicação do corpo do sujeito para pertencer ao “bebê condicional”. Vitorelo propõe, a partir desse jogo de sentidos e imagens, uma reflexão acerca de como papéis de gênero que aceitamos como naturais podem ser, na realidade, lidos como o oposto da busca pelo sentido de si presentes na jornada de ressignificação do gênero, regras impostas que condenam sujeitos a tais abdições já em seu nascimento.

Figura 7: acessando o inconsciente do narrador e a complexidade por trás da “identidade”



(Fonte: Filosofia do Mamilo, Vitorelo, 2024, p. 66-67)

Em um processo de reflexão até mesmo acerca do processo de transição de gênero

- e como o mesmo é atravessado também pelo viés da binaridade -, Vitorelo demonstra, no jogo de textos e imagens, um olhar introspectivo. A metalinguagem presente no processo do personagem está se desenhando, conversa diretamente com a proposta textual da auto-descoberta e da realização dos mecanismos externos que influenciam diretamente nessa percepção de si. O corpo que, apertado e espremido no quadro, também encontra, em texturas vivas, diversas camadas internas que se espremem dentro de si, ilustra o sufocamento que as dinâmicas cis-heteronormativas infligem aos corpos trans. Ao desenhar a si mesmo e suas interações, o autor retira sua vida do estado de “morte social” e lhe confere um estatuto de realidade. A imagem do personagem curvado e introspectivo usa a anatomia expressiva de Cagnin (1975) para comunicar a vergonha e a raiva antes sentidas, transformando-as agora em um valor plástico de resistência (Bakhtin, 1997).

Em “Filosofia do Mamilo”, Kael Vitorelo estabelece uma relação dialógica com o leitor ao expor o mecanismo do ódio e a desconstrução de si. Não é apenas um relato: é um convite para que o leitor mude sua própria ótica interna, exercendo a função de exotopia (Bakhtin, 1997). A obra não apenas ilustra e narra a não-binariedade, mas denuncia o artifício do Cis-tema, aplicando de forma contundente princípios da nona arte, da linguagem e da semiologia. O suporte permitiu, através das construções estabelecidas entre texto e imagem, a eficácia da mensagem de reexistência, transformando o corpo trans não-binário, antes um lugar de outrificação e coisificação (Butler, 2019), em um território de autoria e soberania subjetiva. Além do suporte em si, ao utilizar o regime autográfico do relato de si, o autor Queer materializa sua própria subjetividade (Miorando, 2024), ressignificando o corpo como território de resistência política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de Filosofia do Mamilo corrobora com a ideia de que as Histórias em Quadrinhos Queer transcendem o mero entretenimento, consolidando-se como potentes dispositivos de intervenção política e semiótica. Através do relato de si, Kael Vitorelo rompe com o monologismo cis-heteronormativo e utiliza a linguagem sincrética da nona arte para conferir materialidade e visibilidade a existências outrificadas, compartilhando a experiência da não-binariedade e as complexidades internas e externas que a mesma apresenta.

A proposta, por si só, já apresenta a característica do exercício de exotopia presente na apresentação do universo não-normativo, distante do senso comum e tão estigmatizado, através dos olhos do próprio sujeito e de seus próprios termos. Afasta-se a sub-representação ou a representação objetificada e coisificada para dar espaço a definições próprias, formuladas pela própria comunidade e atravessadas pelo olhar artístico de Vitorelo que proporciona uma imersão ainda mais significativa nos temas propostos e na experiência pessoal do autor.

O uso estratégico das texturas, representações visuais, da disputa de sentidos, dos layouts fluidos e a ancoragem textual demonstram como a complexidade plástica das HQs é capaz de traduzir o desconforto e o vazio da dissidência de gênero em uma experiência sensorial compartilhada. Ao convidar o leitor ao exercício da exotopia, a obra não apenas narra uma transição individual, mas tensiona a própria matriz de inteligibilidade que regula os corpos na sociedade contemporânea, apresentando outra possibilidade de existir e de pensar o Gênero.

A linguagem dos quadrinhos é utilizada para dar materialidade visual ao que a sociedade cis-heteronormativa tenta apagar e sua estrutura fragmentada possibilita explicitar processos identitários profundos, através dos recursos visuais disponíveis e aplicados criativa e semioticamente. Além disso, os quadrinhos de Vitorelo dialogam com um arcabouço sociológico, linguístico e filosófico que elevam a HQ, linguagem frequentemente subjugada e associada como de “fácil” consumo, a um nível de engajamento intelectual e crítico que subverte o preconceito contra o meio e escancara sua complexidade.

Em suma, os quadrinhos Queer, como a obra de Vitorelo, funcionam como um território de soberania subjetiva. Eles provam que, ao dominar os códigos da representação visual e textual, populações historicamente marginalizadas podem ocupar o imaginário popular com agência própria, transformando o trauma em resistência e a invisibilidade em uma nova e necessária memória coletiva. O potencial das HQs Queer transcende também a própria linguagem, podendo atuar na disputa direta pelos sentidos acerca do Gênero e ressignificações dos mesmos através dos processos linguísticos e na quebra do discurso normativo, agregando a experiência LGBTQIAP+ desmistificada e humanizada ao debate público.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. Zines e artezines: a arte das publicações paratópicas, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE

PESQUISADORES EM ARTES

PLÁSTICAS, 28, **Origens**, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2305-2322.

BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão

G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução: Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRITO, Júlia Juliêta Silva de. **Maternidade e existência lésbica nos quadrinhos de Perigosas Sapatas (2021) e Você é minha mãe? (2013), de Alison Bechdel**. 2025. 199

f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2025.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. 1. ed. São Paulo: N-1/Crocodilo edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. Coleção Ensaios, 10. São Paulo: Ática, 1975..

GROUPE μ. **Tratado del signo visual: para una retórica de la imagen**. Tradução de Manuel Talens Carmona. Colección Signo e imagen. Madrid: Cátedra, 1993.

Duarte Ferreira Maidana, M., Sfredo Miorando, G. ., & Santos Miguel, S. (2026). **Revistas em quadrinhos como tecnologia de gênero: elementos cisheteronormativos em capas da Turma da Mônica publicadas pela editora Globo**. Baraquitã: Revista de Letras Artes, 4(8), 59 – 84. Recuperado de <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/baraquita/article/view/3174>

MAIDANA, Marina Duarte Ferreira; MIORANDO, Guilherme “Smee” Sfredo. Vozes (In)Visíveis: jornalismo em quadrinhos enquanto ferramenta de resistência. **9ª Arte: Dossiê Especial**, São Paulo, 2025. DOI: 10.11606/2316-9877.Dossie.2025.e242807

MIORANDO, Guilherme “Smee” Sfredo. Histórias em quadrinhos e memória: algumas aproximações. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 6, n. 2, p. 37-52, dez. 2019. DOI: 10.19177/memorare.v6e2201937-52

VITORELO, Kael. **Filosofia do Mamilo**. São Paulo: Veneta, 2024.

VITORELO, Kael. @vitorelo.art. *ln*: Instagram. 29 de janeiro de 2024.
Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2sIQ5-LfNs/?img_index=5.
Acesso em: 14/07/2026.

.